

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**O MERCADO SEGURADOR BRASILEIRO E SUA
LIBERALIZAÇÃO**

**Isabel de Oliveira Franco Buffara
Nº de matrícula 9315740-8**

Orientador: Afonso Bevilaqua

Julho de 1997

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA**

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**O MERCADO SEGURADOR BRASILEIRO E SUA
LIBERALIZAÇÃO**

Isabel Buffara

**Isabel de Oliveira Franco Buffara
Nº de matrícula 9315740-8**

Orientador: Afonso Bevilaqua

Julho de 1997

“As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidades única e exclusiva do autor”

Agradeço ao incentivo de meus pais e ao meu primo, Rodrigo Protasio, que me ajudou muito me fornecendo uma extensa bibliografia.

ÍNDICE

Introdução	6
I - A Estrutura do Mercado Segurador Brasileiro	8
I.1 - Uma Breve História do Surgimento do Seguro	9
I.2 - Regulamentação do Seguro e Operacionalidade	11
I.3 - O Sistema Nacional de Seguros Privados	18
I.4 - Antecedentes do Mercado Segurador Brasileiro Atual	21
I.5 - O Recente Desempenho do Mercado de Seguros	24
II - O Desempenho dos Diversos Ramos de Seguros no Brasil	32
II.1 - Automóvel	34
II.2 - Vida	36
II.3 - Saúde	39
II.4 - Outras Modalidades de Seguro	41
III - A Participação Estrangeira no Mercado Segurador Brasileiro	47
III.1 - As Operações entre as Seguradoras	48
III.2 - Análise da Origem do Capital das Seguradoras	52
IV - Conclusões e Tendências	65

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Prêmio Total das Seguradoras Estrangeiras em 1995	70
Tabela 2: Prêmio Total das Seguradoras Independentes em 1995	71
Tabela 3: Prêmio Total das Seguradoras Vinculadas a Bancos em 1995	73
Tabela 4: Prêmio Total das Seguradoras Estatais em 1995	74
Tabela 5: Prêmio Total das Seguradoras Estrangeiras em 1996	75
Tabela 6: Prêmio Total das Seguradoras Independentes em 1996	76
Tabela 7: Prêmio Total das Seguradoras Vinculadas a Bancos em 1996	78
Tabela 8: Prêmio Total das Seguradoras Estatais em 1996	79

INTRODUÇÃO

O mercado segurador brasileiro apresentou nestes últimos anos um crescimento extraordinário, dobrando a sua participação no PIB brasileiro. Apenas nos últimos três anos viu seu faturamento anual triplicar e tem expectativas muito favoráveis para a virada do século.

Diversas diretrizes liberalizantes que foram formuladas têm sido as responsáveis por esse progresso. A desregulamentação das operações, a expectativa da quebra do monopólio detido pelo IRB, a abertura do mercado a participação estrangeira e conseqüentemente o aumento da concorrência, são alguns exemplos.

A indústria de seguros foi um dos setores da economia que melhor se adaptou ao Plano Real, conseguindo se manter sobre as novas condições comerciais impostas pela estabilidade econômica. Houve um estabelecimento mais estreito com o mercado de seguros internacional, uma reestruturação operacional para diminuir custos, maior investimento em tecnologia, aumentando assim a competitividade, entre muitas outras medidas benéficas para o setor.

Além disso, ao que parece, muitas outras mudanças no mercado segurador ainda estão por vir. O ano de 1997 poderá ser marcado pela consolidação do processo de mudanças, que vem ocorrendo desde a abertura do setor ao capital estrangeiro. Muitas fusões e aquisições estão por acontecer e devem mudar ainda mais o panorama do mercado.

O objetivo desse trabalho é mostrar quantitativamente a evolução do mercado segurador brasileiro nos últimos anos, analisando os diferentes ramos do seguro, e o quanto a liberalização financeira no setor tem influenciado na sua composição e em seu crescimento.

No primeiro capítulo será apresentado, a nível introdutório, toda a estrutura do mercado segurador brasileiro. Dentro dele estará toda a regulamentação e a operacionalidade do seguro, e os principais antecedentes do mercado atual, que em muito contribuíram para as significativas mudanças do setor.

O segundo capítulo será dedicado a uma análise quantitativa dos diversos ramos da indústria de seguros no Brasil, com ênfase nas principais carteiras que movimentam o setor, como Automóveis, Vida e Saúde.

No terceiro capítulo, também analisado com base em dados e o setor dividido em ramos, aparecerá a indústria brasileira de seguros fragmentada em empresas com diferentes origens de capital: as vinculadas ao capital estrangeiro, as independentes, as estatais e as vinculadas a bancos. Com isso, será possível expor as principais mudanças advindas da abertura deste mercado ao capital estrangeiro.

Esses dois últimos capítulos mencionados se apoiam em boletins estatísticos divulgados pela Superintendência de Seguros Privados, a SUSEP. E as tabelas localizadas no anexo deste trabalho adviram dos boletins.

E finalmente, no quarto capítulo, serão apresentadas algumas conclusões e tendências para o mercado de seguridade, que me foram percebidas ao longo das pesquisas feitas para este trabalho.

I- A ESTRUTURA DO MERCADO SEGURADOR BRASILEIRO

O seguro é um mecanismo de distribuir perdas incertas no tempo e sobre um grande número de pessoas. Ele permite um indivíduo ou uma organização transferir riscos de perdas financeiras, através do pagamento de prêmios, para o segurador que, juntando todos os riscos individuais, reduz o risco global. Entretanto, nem todos os riscos são seguráveis, como catástrofes naturais, que envolvem uma quantia muito grande de dinheiro. Para este tipo de risco é usado o cosseguro, que é uma operação onde mais de uma seguradora participa diretamente de um mesmo risco, em uma mesma apólice. Ou uma outra alternativa seria o resseguro, que permite a seguradora transferir parte do risco para uma resseguradora.

O seguro contribui para acumulação de fundos de investimentos. O seguro privado opera juntando todos os prêmios coletados para criar um fundo, com a finalidade de pagamento dos sinistros. O seguro de vida é um importante recurso de fundos para os mercados de capitais, pois acumula muitas reservas e geralmente são contratos que duram muitos anos.

Além disso, o seguro provê um mecanismo de poupança particular, como o seguro de vida, que garante proteção financeira contra o risco de morte prematura. Logo, as seguradoras de vida competem com bancos e outras instituições financeiras.

A indústria de seguros é muito importante para a economia de um país, pois contribui para a eficiência, desenvolvimento e competitividade do setor industrial e

comercial. Através do seguro, firmas têm mais segurança e mais condições de produzir e de inovar.

A transferência de risco para o exterior pode estabilizar a balança de pagamentos de um país. A indenização paga em moeda estrangeira, pode ser usada para financiar importações de materiais e produtos necessários para a reconstrução de prédios e outras coisas destruídas depois de um desastre.¹

I.1-UMA BREVE HISTÓRIA DO SURGIMENTO DO SEGURO

Em Gênova, no ano de 1347, surgiu o primeiro tipo de seguro, que foi o seguro marítimo. A primeira apólice se referia ao embarque de grãos da Silícia para Túnis, pelo qual os subscritores receberam 18% para assumir todos os riscos.

A primeira apólice inglesa foi feita em 1555, também para a modalidade de seguro marítima. Ela foi feita devido as necessidades de seguro para as viagens de Vasco da Gama para o Oriente. Daí que vem a origem do seguro internacional.

Foi somente a partir da segunda década do século XIX, que começou a implementação de novas modalidades. Surgiram o seguro de responsabilidade civil, o de cavalos e o de veículos, introduzidos pela companhia francesa L'Urbaine et la Seine. O seguro de vida só começou, quando foi possível, por matemática, calcular uma expectativa de vida dos diferentes grupos etários. E este ramo teve forte impulso na Inglaterra, absorvendo operários e a baixa classe média das províncias no séc XIX. A primeira seguradora de vida foi a Prudential e até hoje é a maior na Inglaterra.

A primeira seguradora no Brasil surgiu em 28 de fevereiro de 1808 na Bahia, a Companhia de Seguros Boa Fé, através da abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional por D. João VI. Ela subscrevia basicamente seguros marítimos. Em 1831

¹ Carter, Robert L., "Insurance", pág. 60

foi criada a Procuradoria de Seguros das Províncias Imperiais, que era responsável pela supervisão do setor de seguros.

Foi em 1862 que começaram a surgir as primeiras sucursais de companhias estrangeiras, como a Companhia Garantia do Porto, a Royal Insurance (1864) e a Liverpool & London & Globe (1866). E então em 1895 a atividade destas companhias passou a ser supervisionado e o mercado brasileiro autorizou estas a segurar os comerciantes locais. Entretanto, estas companhias atuavam mais como captadoras de seguros para as suas respectivas matrizes do que propriamente como seguradoras instaladas no Brasil.

Com a Primeira Guerra Mundial, o mercado internacional de seguros passou por uma fase de mudanças, começando um processo de nacionalização do resseguro, com vários países criando monopólios, visando proteger a sua economia. Em 1939, quando começou a Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro proibiu que as seguradoras estrangeiras remetessem para o exterior o dinheiro captado com prêmios de seguro e sendo obrigadas a aplicar as reservas no mercado local.

Em 1939 foi fundado o Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), através do Decreto-lei 1186 de abril do mesmo ano, que ficou com o monopólio do reeseguro. 50% do seu capital ficou com a União e a outra metade, sem direito a voto, ficou com as companhias de seguros. No artigo 192 da Constituição, o IRB é designado como o “ressegurador oficial” e qualquer alteração desse status só poderia ser realizada por mudança na Constituição. O papel do IRB era elaborar e expedir normas reguladoras de cosseguro, resseguro e retrocessão; aceitar resseguro obrigatório e facultativo; e repassar o excesso de risco do mercado brasileiro ao mercado internacional.

Em 1966 foi estabelecido a estrutura básica do setor seguros e em 1970, o governo deu início a uma política de incentivos à fusão de empresas, devido aos seus baixos níveis de capitalização. E nos últimos anos o mercado de seguros está vivendo uma fase marcada pela abertura e desregulamentação da atividade.²

² Gazeta Mercantil, “Seguros”, Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág. 20.

I.2-REGULAMENTAÇÃO DO SEGURO E OPERACIONALIDADE

A regulamentação básica do seguro no Brasil remonta de 1869, quando exigia-se que os seguradores fossem autorizados à submeterem declarações financeiras. A lei básica que regula a atividade é o Decreto-lei 73, de 21 de novembro de 1966, regulamentada pelo Decreto 60.459, de 13 de março de 1967. A lei 4.594/64 regula a profissão dos corretores de seguros, estabelecendo regras de habilitação, responsabilidades, direitos e obrigações.³

A lei 31 de 1964 e algumas Resoluções do CNSP, estabelecem normas sobre o investimento das reservas. O Decreto-lei 27 de 1967 estabelece o controle de seguros proibidos. O IRB é fundado pelo Decreto -lei 1186 de 1939, a Lei 19 de 1974 regulamenta o Seguro de Responsabilidade Civil de Veículos, o Decreto-lei 93.871 de 1988 encerra a regulamentação estatal da taxa de Incêndio e Prejuízo Subsequente, e o Decreto 605 de 17 de julho de 1992 extingue todas as tarifas no Brasil.⁴

Até 1988, ainda existia o sistema de cartas patentes, que então foram substituídas por uma série de normas e limites de capital mínimo. O capital mínimo exigido das companhias de seguro constam da Resolução nº 023/92 do CNSP, publicada em julho de 1992. O capital é composto de uma parcela fixa e outra variável. A parcela fixa corresponde a US\$ 557,2 mil para o ramo vida e não-vida, logo um total de US\$ 1,1 milhão.. Ao capital mínimo deve-se adicionar uma outra quantia variável, em função do número de Estados em que a companhia pretende operar. Para esta finalidade, o país é dividido em 8 regiões, cada qual cobrindo um ou mais de um dos 26 estados. A quantia variável para todas as regiões soma US\$ 2,8 milhões para cada ramo, logo um total de US\$ 5,6 milhões. Portanto, para uma empresa operar em todos os ramos e em todas as regiões, a exigência de capital mínimo é de US\$ 6,7 milhões.⁵

Uma das mudanças mais importantes na legislação de seguros, aconteceu em junho de 1996, com novas seguradoras de capital estrangeiro podendo operar no Brasil.

³ Coroliano, Marcio, "Padrões Gerais do Mercado Segurador Brasileiro", SUSEP (outubro de 1996), pág. 3.

⁴ Biblioteca do IRB.

⁵ Gazeta Mercantil, "Seguros", Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág. 29.

O presidente Fernando Henrique passou a fazer uso de um recurso que as Disposições Constitucionais Transitórias lhe facultaram: o direito de permitir a entrada de empresas estrangeiras, desde que a autorização seja concedida com base no chamado “interesse nacional”. Logo, a abertura do setor de seguros foi considerada prioritária e as “portas” se abriram. Até então, as empresas estrangeiras estavam limitadas a Resolução 14 de 1986 do Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP) e do artigo 52 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) de 1988. A partir desta mudança, a limitação da participação estrangeira de 50% do capital total e a um terço do capital votante das seguradoras, não mais vigorou. Pode-se agora criar novas empresas de capital estrangeiro e a participação externa do capital pode ser aumentada para mais de 50%.

As margens de solvência, que são as capacidades de pagamentos dos riscos assumidos pelas seguradoras, são rigorosamente fiscalizadas pela SUSEP, na conformidade da regulamentação publicada em 1989, que está baseada em diretrizes emitidas pelo CNSP. As margens de solvência baseiam-se no mais alto dos dois cálculos seguintes, e os ativos líquidos devem ser iguais ou maiores do que:

- 20% da média anual da receita total líquida de prêmio durante os últimos 3 anos, isto é, prêmios menos devoluções;
- um terço da média anual dos avisos de sinistros líquidos nos últimos 5 anos, isto é, prejuízos menos ressarcimentos e resseguro. Inexistem limites para quantia cedida de resseguro

A lei de 31 de dezembro de 1964 e uma série de resoluções baixadas pelo CNSP de 1968, 1971, 1980 e 1990, determinam a forma em que as reservas técnicas e as reservas gerais devem ser constituídas. Prescrevem também, normas de investimento para aquelas que devem ser mantidas no Brasil em títulos, relacionados pelas autoridades e vinculados a papéis indexados da dívida pública.

As reservas técnicas obrigatoriamente constituídas correspondem a 50% do capital social realizado (reserva suplementar), além das reservas técnicas comprometidas (reservas de sinistro a liquidar) e das reservas técnicas não comprometidas (reservas de prêmios não ganhos e reservas matemáticas).

O Conselho Monetário Nacional (CMN) estipula as aplicações em recursos que garantem as reservas técnicas. Pela resolução CMN 2.286/96, é estabelecido limites máximos para a aplicação desses recursos em títulos públicos, títulos de renda fixa, ações e imóveis, de acordo com os três grupos de reservas (reservas técnicas obrigatoriamente constituídas, as não comprometidas e das comprometidas).⁶

Para negócios outros que não o Seguro de Vida, inclusive reservas de prêmios e prejuízos não cobertos, aquelas se processam mensalmente ao nível de 40% dos prêmios líquidos dos últimos 12 meses, com os de Carga Marítima ao nível de 35% nos últimos três meses. Os Seguradores de Vida devem manter reservas matemáticas e flutuantes na forma determinada. Os seguradores emissores de apólices indexadas devem constituir reservas especiais.

Todas as sociedades seguradoras devem obrigatoriamente apresentar a SUSEP, mensalmente, informações sobre o seu desempenho econômico e financeiro. Isto é feito via o Formulário de Informações Periódicas (FIP), que é base da atividade de controle e fiscalização.

Em 19 de junho de 1996, foi aprovado pelo Senado a quebra do monopólio de resseguros, detido pelo IRB. Em 21 de agosto do mesmo ano, o Congresso promulgou a Emenda Constitucional nº13, que permite as empresas privadas fazerem operações de resseguros. Porém, ainda falta a lei complementar que determinará as regras para a instalação das companhias resseguro, seja estrangeira ou local. Uma vez extinto o monopólio, é provável que o IRB seja privatizado, em conformidade com a política do governo de vender as empresas estatais.

Em maio de 1997 foi dado um grande passo quanto a esta questão. O ministro da Fazenda Pedro Malan aprovou um plano para sanear e privatizar o IRB. Em dois anos haverá profundas reestruturações patrimoniais e administrativas e depois estará pronto para passar para as mãos da iniciativa privada. O Estado vai se afastar

⁶ Coriolano, Marcio, "Padrões Gerais do Mercado Segurador Brasileiro", SUSEP, (outubro de 1996), pág. 6.

gradualmente do IRB, até o país conseguir uma empresa local forte, de modo que assim não se faça todo o resseguro no exterior e haja uma fuga de divisas do país.

O IRB será transformado em uma sociedade por ações típica. As ações do tipo A, que hoje equivalem a 50% do capital e que estão nas mãos do INSS, serão transformadas em ordinárias. E as ações do tipo B, que são os outros 50% e estão nas mãos das seguradoras, passarão a ser preferenciais. As ações do INSS serão compradas pelo Tesouro Nacional com base no patrimônio líquido do Instituto.

Um dos grandes empecilhos para a privatização do IRB é o passivo de R\$ 750 milhões, administrado por este, referente a seguros de crédito a exportação. Pelo plano aprovado por Malan, este passivo será equalizado através de um encontro de contas com o Banco do Brasil e o Tesouro Nacional, sem o desembolso de recursos.⁷

Foi criada em junho de 1997 a Companhia de Seguros de Crédito à Exportação, que garantirão cobertura de riscos comerciais das vendas externas. Caberá ao Tesouro Nacional bancar o risco político e extraordinário. O capital da empresa está dividido entre a sócia francesa Conface, o Banco do Brasil, a Sul América Seguros, a Bradesco Seguros, a Minas Brasil e a HSBC Bamerindus Seguros.⁸

As despesas administrativas do IRB sempre foram elevadas, mas algumas medidas drásticas foram tomadas para reduzi-las. Sob um plano de demissão voluntária, conhecido como PAV, metade dos funcionários do IRB aceitaram a oferta. O IRB tem se tornado mais flexível nos últimos tempos, para conseguir acompanhar o crescimento do mercado de seguros.

Em maio de 1997 saiu uma proposta de regulamentação do art. 192 da Constituição, que dispõe do Sistema Financeiro Nacional. Esta proposta apresenta algumas alterações para o mercado segurador. O projeto cria o Conselho Financeiro Nacional (CFN). Extingue o CNSP e o CMN, diminuindo assim a representação dos setores privados no Sistema, entre outras mudanças.

⁷ Jornal "Gazeta Mercantil", (28 de maio de 1997), pág. B-3.

⁸ Jornal "Gazeta Mercantil", (10 de junho de 1997).

O CFN será supervisionado pelo Banco Central, Comissão de Valores Mobiliários, SUSEP e por um novo órgão fiscalizador que será criado, a SUPREV (Superintendência de Previdência Privada). Tanto a SUSEP como a SUPREV serão subordinadas à fiscalização do Congresso Nacional, através do Tribunal de Contas da União. A regulamentação deste projeto só deverá ocorrer no segundo semestre de 1997.⁹

Um dos pontos polêmicos na regulamentação do art. 192 é a questão da possibilidade dos bancos não serem permitidos em vender seguros. Os maiores interessados nessa tese são os corretores de seguros, que se sentem ameaçados na sua função de corretor. Entretanto, este ponto não foi mencionado na proposta de regulamentação.

O seguro de Acidentes de Trabalho foi instituído contra o risco profissional, regidas pela Lei 5.724 e regulamentada pelo Decreto 13.498 de 1919. A regulamentação foi alterada em 1934, pelo decreto 24.637, que conceituou o que seria riscos em Acidentes de Trabalho. Se o empregador não fizesse o seguro, era obrigado a fazer o depósito de garantia na Caixa Econômica Federal e no Banco do Brasil, para fins de indenização.

Durante o governo do presidente Getúlio Vargas, foram criados, por várias categorias de trabalhadores, os Institutos de Aposentadorias e Pensões. Em 1966, os Institutos foram unificados, sob a tutela do recém criado INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), que ficou com a atribuição do seguro de Acidentes do Trabalho. As companhias de seguros privadas, contudo, continuaram a funcionar num regime de livre mercado, concorrendo com o INPS.

Em 1967, o Congresso aprovou através da Lei 5.136/67, o monopólio do Seguro de Acidentes do Trabalho pela previdência estatal. A quebra do monopólio ocorreu em 29 de maio de 1996, quando a Câmara dos Deputados aceitou um destaque à reforma da Previdência Social.¹⁰

⁹ Jornal "Gazeta Mercantil", (14 de maio de 1997), pág. A-11.

¹⁰ FUNENSEG, Fundação Escola Nacional de Seguros, "Cadernos de Seguro", Ano XVI- nº 82 (novembro e dezembro de 1996)

O seguro de Responsabilidade Civil Geral, assim como na maioria dos países latino-americanos, é ainda pouco desenvolvido no Brasil. A receita é baixa e os avisos de sinistro são muito raros. Os limites de apólice são baixos, entre US\$ 50.000 e US\$70.000, mas cobertura mais elevada pode ser adquirida, se solicitada. Grandes operações industriais e empresas multinacionais podem obter seguro para vários milhões de dólares, ainda que estas costumem ter cobertura global contratada pela sede.

O seguro de Responsabilidade por Produtos não oferece dificuldades no Brasil e é obtida através de apólices de responsabilidade civil geral. Quando o seguro é solicitado por empresas exportadoras e fabricantes, o IRB discute o negócio com seus resseguradores e pactua prazos e condições. A cobertura é dada na base de reclamações feitas e é incluída uma cláusula de jurisdição na apólice. O resseguro é realizado com vinculação a uma apólice de responsabilidade civil geral e a retrocessão (transferência de excesso de responsabilidade para todas as seguradoras do mercado) se processa com fundamento no Contrato de Excesso de Prejuízo do IRB.

A Indenização Profissional é um ramo muito pequeno e a cobertura é procurada principalmente por médicos e corretores de seguros. Estes últimos têm obrigação legal de indenizar prejuízos causados por negligência ou omissões, logo criando demanda por seguro. A cobertura é compulsória, embora só os grandes corretores pareçam ter proteção de seguro. Os limites são semelhantes ao do seguro de responsabilidade civil geral.

O Seguro contra Poluição e o Seguro do Meio Ambiente não atraem grandes interesses aqui no Brasil. O IRB tomou algumas medidas para dar cobertura à poluição accidental, mas a cobertura obteve apenas sucesso limitado.

O Seguro de Acidentes Pessoais é geralmente contratado pelos departamentos de vida de empresas seguradoras, como por exemplo a Golden Cross. Este é um ramo em crescimento, que está sendo ativamente contratado pela maioria das empresas brasileiras. Ainda que haja coberturas individuais, a grande parte é contratada em grupo, principalmente para benefício dos empregados. Os limites normais de capital para casos de morte não excedem a US\$ 15.000, mas podem excepcionalmente elevar-

se para um máximo de US\$ 400.000 a US\$ 450.000, quando um importante executivo é segurado.

Na falta de mercados de agenciamento normal, o seguro de Acidentes Pessoais de Viajantes pode ter apólices na base de curto prazo, para valores entre US\$ 100.000 e US\$ 125.000. Várias das maiores seguradoras locais estão envolvidas neste tipo de cobertura, incluindo bagagem e despesas médicas.

O Seguro de Vida no Brasil está se tornando muito importante. Com o plano Real, os brasileiros começaram a comprar seguro de vida, já que é melhor planejar e organizar um orçamento em economia estabilizada. No passado, muitas empresas de seguro de vida foram a bancarrota e a população tinha receio em contratar este tipo de seguro. Entretanto, hoje, as coisas estão mudando. Novos produtos estão chegando e mais seguradoras estão ingressando no mercado brasileiro, colocando o seguro de vida como meta.

Nestes últimos anos, o seguro capitalizado, ou seguro de vida resgatável, vem despertando muito interesse. Este é um seguro em que o segurado recebe todo o seu dinheiro de volta, corrigido monetariamente, mas descontada a taxa de administração, se sobreviver até o final do contrato.

Os ramos de Seguro de Segurança, Garantia e Crédito ainda está em fase de crescimento no Brasil. Ainda é preciso de mais tecnologia e especialização. Depois do “Acordo da Basiléia” na Suíça, a maioria dos bancos começaram a emitir cartas de crédito e garantias bancária. Porém, com a crise bancária de 1995 e 1996, os bancos perderam o interesse neste tipo de negócio.

O Seguro de Saúde e Hospital é uma das contas de maior crescimento. Para melhor negociar este setor, as grandes seguradoras deste negócio montaram sistemas computadorizados, de sorte que a decisão de cobertura pode ser dada a qualquer hospital em apenas uma hora. As indenizações podem ser executadas pelo mesmo sistema e podem normalmente serem liquidadas em 72 horas. Quaisquer resseguros

internos podem ser colocados no IRB, que está cobrando uma comissão de aproximadamente 5% e os negocia com corretores no mercado internacional.

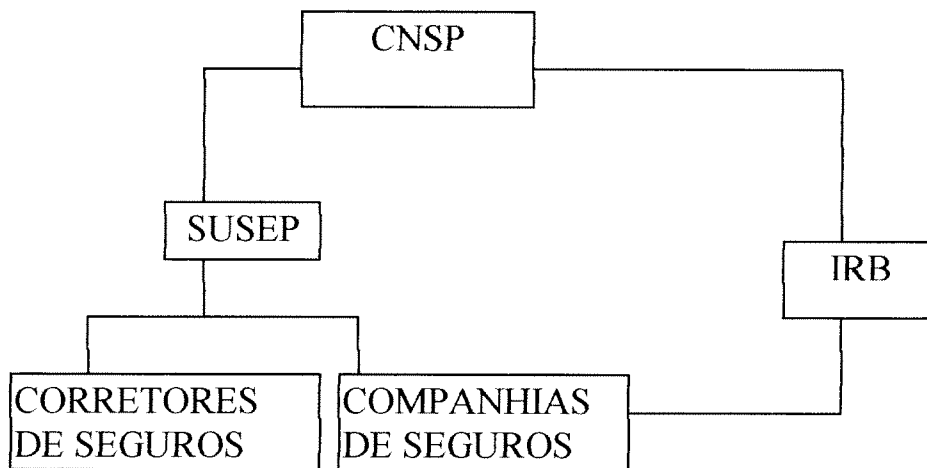
Como os prêmios ligados a saúde saem com a mesma velocidade que entram na seguradora, alguns anos atrás, as companhias se defendiam excluindo uma vasta lista de atendimento ao segurado. Praticamente 90% das doenças mais freqüentes na população ficavam sem cobertura. Porém, em 1995, a SUSEP determinou que todas as companhias deveriam oferecer planos com coberturas globais, excluindo apenas cirurgias estéticas, epidemias e as conseqüências no uso de drogas.

Grande parte das seguradoras que atuam na área de saúde, lidam apenas com seguros empresariais, ou seja, de empresas que fazem um plano de seguro em grupo para todos os seus funcionários. Poucas lidam com um plano individual.

O Sistema de Saúde Brasileiro foi sempre estatal. No passado, o governo permitiu que empresas de Medicina em Grupo (HMO) e associações e cooperativas de médicos explorassem o ramo de planos médicos privados. O mercado privado foi aberto às empresas de seguro nos anos 80 e a primeira seguradora a entrar no mercado foi a Itaú Seguros, que experimentou maus resultados. Ens fins da década de 80, as seguradoras privadas começaram a introduzir novos planos de saúde no mercado, agindo com muita prudência. A estratégia principiou a dar bons resultados e o mercado começou a desenvolver-se. O sistema governamental faliu e a população começou a comprar planos privados de saúde na forma de seguro de saúde.¹¹

I.3-O SISTEMA NACIONAL DE SEGUROS PRIVADOS

¹¹ Orypaba.



O Sistema Nacional de Seguros Privados é composto pelos seguintes componentes: Conselho Nacional de Seguros Privados (CNSP), Superintendência de Seguros Privados (SUSEP), Instituto de Resseguros do Brasil (IRB), Sociedades Autorizadas a operar em seguros privados (companhias de seguros) e Corretores Habilitados (pessoas físicas e jurídicas).

O CNSP é o regente do mercado, que define os rumos estratégicos do setor. Este é o órgão que regula a constituição, o funcionamento e a fiscalização dos operadores; estipula índices sobre tarifas e investimentos; fixa normas gerais de contabilidade e estatística; delimita o capital do IRB e das empresas seguradoras; fixa critérios para a constituição de reservas técnicas; etc. O CNSP está diretamente ligado ao Ministério da Fazenda. Os membros que compõe o CNSP são: Ministro de Estado da Fazenda, Superintendente da SUSEP, Presidente do IRB, Presidente do Banco Central, Secretário da Secretaria de Direitos Econômicos do Ministério da Justiça, 4 representantes da iniciativa privada e representantes do Ministério do Trabalho, do Ministério da Infra Estrutura, e do Ministério do Planejamento e Orçamento.

A SUSEP é o órgão executivo do CNSP e é a Autarquia vinculada ao Ministério da Fazenda. Seu principal dever é fiscalizar o setor de seguros. Ela controla a situação financeira e econômica das seguradoras, tendo o poder de intervir nas empresas com má situação econômica. Processa pedidos de funcionamento, de fusão e de transferência de controle acionário; fiscaliza a execução das normas aprovadas pelo CNSP; baixa

regulamentos das operações de seguros; publica estatísticas das companhias de seguros; etc.

O IRB é uma sociedade de economia mista, como já foi dito (50% é da União e 50% é das sociedades seguradoras) e detêm o monopólio de resseguros no Brasil. Tem como dever regular o cosseguro, o resseguro e a retrocessão (é a transferência do excesso de responsabilidade, que ultrapassa o limite técnico do ressegurador, para todas as seguradoras do mercado), como também já foi dito. O IRB assume os riscos muito altos em nome do Governo Federal, fixa os limites de aceitação das sociedades seguradoras, promove a colocação no exterior do seguro cuja aceitação não convenha aos interesses do País, etc.

As Sociedades Autorizadas a segurar, devem se constituir como sociedades anônimas, com ações nominativas. Elas atuam de acordo com algumas normas como: não podem explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria; podem operar em qualquer ramo de seguros mediante autorização da SUSEP; têm obrigação de fazer seus resseguros no IRB; não podem reter responsabilidades cujo valor ultrapasse seus limites técnicos; têm obrigação de constituir reservas técnicas e provisões; estão sujeitas às normas e fiscalizações do CNSP, da SUSEP, do IRB e do Banco Central; e as demonstrações contábeis devem ser levantadas semestralmente.

Os Corretores de Seguros Habilitados são os intermediários, responsável pela ligação dos clientes com as seguradoras. É obrigatório, os corretores de seguros fazerem um concurso de habilitação. Este concurso para Corretores de Seguros é administrado pela Fundação Escola Nacional de Seguros (FUNENSEG). Vários prestigiosos corretores de seguro estão representados no Brasil, tais como Alexander and Alexander, Jardine, Johnson and Higgins, Arthur J. Gallagher Co., Sedgwick, e outras.

Ainda existe a Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados (FENASEG), que é responsável por buscar soluções para as suas seguradoras associadas

e por representá-las perante os órgãos públicos; e a Federação Nacional dos Corretores de Seguros (FENACOR), que reúne todos os corretores de seguros do Brasil.¹²

I.4-ANTECEDENTES DO MERCADO SEGURADOR BRASILEIRO ATUAL

O comércio internacional de seguros é muito importante para um país. Existem certos tipos de riscos que alguns países estão vulneráveis e que, se ocorrido, envolvem cifras tão altas, que estão fora da capacidade nacional das companhias de seguros. Como, por exemplo, a catástrofe natural ocorrida na Cidade do México, ocasionada pelo crescimento populacional e urbanização, que expandiram o tamanho das conurbações. A única maneira de uma companhia de seguros cobrir riscos como este é estender este risco internacionalmente. E, geralmente, somente as principais seguradoras e resseguradoras internacionais têm experiência e conhecimento em assumir tais tipos de riscos.

Além disso, as transações internacionais de seguros provê concorrências benéficas para um país, como taxas mais baixas de prêmios, inovações em produtos e distribuição, e declínio nas perdas de eficiência das empresas seguradoras. Seguradoras operando em mercado competitivo, têm condições de oferecer produtos melhores para o gosto dos consumidores.

Entretanto, desde 1950, seguradores estrangeiros estavam se deparando com legislações protecionistas, adotadas por países em desenvolvimento. Os argumentos usados pelo governo nacional destes países, incluindo o Brasil, eram: evitar a competição acirrada, que pode provocar custos altos e a insolvência de algumas seguradoras; desenvolver a indústria nacional de seguros para promover o emprego local e a diversificação da economia; reter fundos de investimento locais gerados pelas operações de seguros; reduzir o impacto do seguro e do resseguro importados na

¹² Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização, Fenaseg, “Seguros, Capitalização e Previdência Privada no Brasil”, (maio de 1996), pág. 16.

balança comercial; etc. Porém, de alguns anos para cá, os governos estão começando a adotar liberalização no comércio de serviços

De muita importância para o comércio internacional de serviços (que inclui a parte financeira e conseqüentemente a parte de seguros), foi a Rodada do Uruguai, que iniciou-se em 1986, no âmbito do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT). Esta Rodada foi relevante, a medida que entrou em pauta novos temas discutidos, como o comércio de serviços, apesar da resistência oposta por países em desenvolvimento, e, em especial, pelo Brasil. Além disso, ela foi muito importante para a regulação do comércio mundial.

O GATT é um acordo multilateral entre os países membros, que visa remover barreiras ao comércio internacional. Desde a sua criação, já foram realizadas sete Rodadas de negociações, antes da Rodada do Uruguai.

Pela Rodada do Uruguai, ficou claro que os países em desenvolvimento, como o Brasil, deveriam ter uma certa flexibilização apropriada quanto as regras e procedimentos para uma progressiva liberalização dos serviços, que permita a abertura de um número menor de setores ou a ampliação do acesso a seus mercados vinculada ao seu estágio de desenvolvimento.¹³

Uma das maiores conseqüências da Rodada do Uruguai, foi a criação do Acordo Geral de Comércio de Serviços (GATS). O GATS estabelece regras e disciplinas quanto a políticas que afetam o mercado de serviços, extendendo isto a um sistema multilateral de comércio. Um dos acordos do Brasil no GATS, incluía a introdução de um critério para a participação de capital estrangeiro no setor de seguros, resseguros e corretagem dentro do prazo de dois anos depois da adoção pelo Congresso Nacional da legislação permitindo tal participação.

No Brasil, apesar do Estado ser ainda um importante detentor dos serviços financeiros, incluindo além disso, outros tipos de serviços, como transporte,

¹³ Pereira, Lia V., Piani, Guida, "Rodada Uruguai: uma síntese do estado nas negociações", RBCE n°24 (jul/ago ano IV), pág 19.

telecomunicações e eletricidade, esta situação está mudando progressivamente. O envolvimento do Estado está diminuindo com as privatizações e a abertura do investimento estrangeiro na maioria das indústrias.

Outro ponto muito importante para o setor de seguros, foi a formação do Mercoseguros, que é um fórum onde representantes dos setores privados discutem os parâmetros relacionados ao mercado de seguros que participam do Mercosul. O Mercoseguros tem como objetivo contribuir com as autoridades governamentais, na discussão e desenvolvimento de política econômica em assuntos relacionados com o setor de seguros.

A SUSEP tem tentado unificar as normas de composição acionárias das empresas, para que realmente se estabeleça de forma equilibrada o livre comércio entre os quatro países do Mercosul - Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

Algumas medidas já foram tomadas para o início de um mercado segurador comum no Mercosul, como por exemplo a obrigatoriedade da Carta Verde. Esta Carta é uma apólice de seguro de responsabilidade civil dos carros de passeio que estejam em viagem em qualquer dos outros países do bloco. Quase todas as empresas brasileiras e argentinas assinaram um acordo operacional de reciprocidade para atendimento de segurados em viagem entre os países.

As principais seguradoras brasileiras que estão atuando nos outros países do Mercosul são: Bamerindus Seguros (comprada a pouco tempo pelo Grupo HKSB), atuando na Argentina, Porto Seguro, Bradesco e Sul América, presentes na Argentina e no Uruguai; e a Real Seguradora, atuando no Uruguai. Com o Mercosul, deve aumentar a presença de companhias do setor de seguros na Argentina, atraídas pela presença de indústrias brasileiras naquele país e pelas oportunidades oferecidas pelo mercado de riscos do trabalho. Porém, não se pode dizer que um grande número de empresas argentinas vão operar no mercado brasileiro quando este abrir mais, pois em geral estão pouco capitalizadas.¹⁴

¹⁴ Gazeta Mercantil, "Seguros", Panorama Setorial, , (out. de 1996), pág. 103.

Os principais resultados obtidos pela Mercoseguros foram: a quebra do monopólio dos seguros no Uruguai, quebra do monopólio do resseguro no Brasil e permissão da participação de capital estrangeiro nas companhias de seguros no Brasil. Mercoseguros está também avançando na elaboração de um plano de contas harmônico para o mercado segurador nos quatro países do Mercosul.

I.5- O RECENTE DESEMPENHO DO MERCADO DE SEGUROS

O Brasil é o maior mercado de seguros da América Latina, apresentando em 1996 US\$ 15,5 bilhões de receita de prêmio de seguros, o que representa um prêmio de US\$ 93,94 per capita.¹⁵ Porém, este resultado está longe de alcançar os números de países desenvolvidos como os Estados Unidos, onde, por exemplo, apenas o consumo per capita de seguros de vida é de US\$ 913 , enquanto que no Brasil é de apenas US\$ 8.¹⁶

O mercado segurador brasileiro passou por quase quatro décadas em estagnação, durante os quais o setor não conseguiu movimentar mais do que o equivalente a 1% do Produto Interno Bruto (PIB), ao passo que no mercado internacional esta participação é de ordem de 5%. No entanto, a partir de 1993, observa-se uma alteração nesta tendência, de forma que em 1994 e 1995, a participação no PIB brasileiro cresceu para 2,20% e 2,60% respectivamente (dados que incluem previdência e capitalização).¹⁷

¹⁵ Brasil, Ministério da Fazenda, SUSEP, "Mercado Segurador Brasileiro", Dados Consolidados nº12, (1996), pág 1 de 13.

¹⁶ Revista Exame, (9 de abril de 1997), pág 62.

¹⁷ Gazeta Mercantil, "Seguros", Panorama Setorial, , (out. de 1996), pág11.

O PESO DO SEGURO

Ano	Prêmios (em US\$ bi)	% do PIB	Ano	Prêmios (em US\$ bi)	% do PIB
1970	1,3	0,86	1988	3,6	0,85
1975	2,6	1,03	1990	5,4	1,30
1980	3,2	0,91	1992	6,0	1,40
1982	3,1	0,90	1994	11,6	2,20
1984	2,8	0,80	1995	14,6	2,60
1986	3,8	0,94	1996	14,1	2,50

Fontes: Banco Central, Fenaseg e Susep.

O número de companhias de seguro em operação no mercado está se reduzindo. Atualmente existem cerca de 120. A evolução da quantidade de seguradoras nacionais pode ser vista na tabela a seguir.

SEGURADORAS

ANO	NÚMERO DE SEGURADORAS
1940	94
1950	131
1960	167
1970	176
1980	93
1990	115
1995	127
1996	120

Fonte: Plano Diretor de Seguro, Susep

Percebe-se pela tabela que de 1970 a 1980, o número de companhias foi reduzido de 176 para 93. Isto deve-se ao fato de que em 1970, o governo adotou uma política de incentivos à fusão de empresas, devido aos seus baixos níveis de capitalização e elevados custos operacionais e administrativos. Nesta fase, a maioria das empresas estavam ligadas a bancos e eram detentoras de mais de 70% do mercado.¹⁸ Posteriormente, o número de seguradores tornou a subir.

¹⁸ Gazeta Mercantil, "Seguros", Panorama Setorial, (out. de 1996), pág 23.

Atualmente, mesmo existindo cerca de 120 companhias em operação no mercado, apenas seis grupos dominam o mercado, detendo mais de 50% da receita total de prêmios. São elas: Sul América, Bradesco, Itaú, Porto Seguro, Unibanco e Bamerindus (comprada pelo grupo HKSB). É prevista redução maior ainda, já que as grandes companhias se preparam para a abertura dos mercados vizinhos na área de livre comércio do Mercosul.

O setor de seguros no Brasil é composto por sociedades seguradoras de diferentes origem de capitais. Existem as vinculadas a bancos, as com participação de capital estrangeiro, as independentes, e, embora poucas, as estatais. Hoje, as vinculadas a bancos são as que predominam. Estas sociedades podem atuarem nos ramos de vida e não-vida, somente no de vida, ou somente no de não-vida.

O primeiro passo rumo a desregulamentação foi dado em 1988, quando a tarifa para Incêndio e Consequente Prejuízo foi interrompida, seguindo a abolição de qualquer outra taxa compulsória em 1992.

O mercado segurador brasileiro ganhou grande impulso a partir de 1992, com a formulação do Plano Diretor pelo o Ministério da Fazenda e pela SUSEP, que continha metas liberalizantes. Essas metas previam a livre tarifação, com ênfase no enfoque do controle da solvência; o aumento da competitividade e da concorrência; a abertura do mercado ao capital estrangeiro; e a quebra do monopólio do resseguro detida pelo IRB.

Como consequência dessas metas liberalizantes, a SUSEP acabou com o controle das tarifas e com a obrigação de aprovação prévia de produtos; foram reforçados os instrumentos de controle de reservas e da solvência das sociedades seguradoras; entre outras medidas. Entretanto, o monopólio do resseguro detido pelo IRB ainda não foi extinto. Nos dias 5 e 13 de dezembro de 1995, a Câmara dos Deputados aprovou a extinção desse monopólio. Em 19 de junho de 1996 a quebra do monopólio foi aprovada pelo Senado. Em 21 de agosto do mesmo ano, o Congresso promulgou a Emenda Constitucional nº13, que permite às empresas privadas fazerem operações de resseguros.

Entretanto, as companhias de resseguros estrangeiras ainda não podem operar no Brasil e as seguradoras locais não podem contratar resseguro livremente no mercado internacional. Ainda falta uma lei complementar que deteminará as regras para a instalação dessas companhias. Mesmo assim, algumas das maiores resseguradoras mundiais já decidiram instalar-se no Brasil, como as suíças Swiss Re e Zurich Re, e a norte-americana Munich Re.

O fim do monopólio do IRB é de vital importância para o mercado segurador, pois beneficiará o processo de integração do Mercosul na área de seguros, onde crescem as sociedades entre empresa. Além disso, com a quebra do monopólio, o mercado poderá se abrir para o surgimento de seguradoras cativas. A seguradora cativa é formada por um conglomerado de empresas ou multinacionais, que têm como objetivos principais assumir seus próprios riscos e facilitar o acesso aos mercados resseguradores internacionais.

As principais vantagens das seguradoras cativas são: redução dos custos administrativos no gerenciamento de apólices; reter parte do capital investido em seguros, ao assumir parte dos riscos que são distribuídos no mercado segurador nacional e ressegurados no exterior; e melhoria no fluxo de caixa para a realização de investimentos, até que o capital seja utilizado para pagamentos de perdas.

As seguradoras cativas ainda não existem no Brasil. Porém, elas podem se tornar um importante instrumento para as empresas se capitalizarem. No exterior, as cativas têm se mostrado muito eficientes quando as empresas atravessam momentos de crise no mercado.

Com raras exceções, inexistem tarifas obrigatórias em vigor. Entretanto, no ramo de propriedades, ainda há certo contole indireto de taxas para vultosos riscos. Nestes, o IRB insiste em aceitar apenas os negócios cujo o nível técnico de cálculo da taxa lhe parecer correto.

Foi com a implementação do Plano Real e do Programa de Estabilização Econômica em julho de 1994, que o mercado de seguros recebeu outro grande impulso.

As taxas de inflação mensais foram diminuídas de 40% para níveis de um dígito , progressivamente reduzidos. Com a estabilização monetária, houve uma aceleração do crescimento do setor de seguros.

O Plano, como um todo, provocou um crescimento na a atividade econômica do país, que por sua vez proporcionou um aumento da demanda por seguros. Além disso, a moeda estável propicia uma melhor distribuição de renda, diminuindo o problema do mercado quanto à alta concentração dos segurados entre as classes A e B.

Um exemplo de como a estabilização da moeda aumentou a demanda por seguros é o caso dos automóveis. As pessoas começaram a comprar mais veículos, aumentando a frota nacional e, conseqüentemente, comprando mais seguros. As montadoras, por sua vez, aumentaram a sua produção, o que provocou um aumento no números de funcionários dessas empresas, nos seus ativos e nos seus embarques de produtos e matérias primas. Como conseqüência, passaram a comprar mais Seguros de Vida em Grupo, Seguro de Incêndio e de Transporte.

O processo de privatização das empresas estatais é um fator que também contribui um pouco para o crescimento de seguros no Brasil. Em geral, existem empresas privadas de grande porte que possuem estatais que raramente contratam coberturas mais específicas, tais como Responsabilidade Civil, Lucros Cessantes e outras.

A adaptação dos contratos ao novo ambiente de estabilidade foi feita de forma cuidadosa. Em um primeiro momento, foram mantidos indexados todos os contratos. Em setembro de 1994, os contratos de ramos elementares (não-vida) foram desindexados, permanecendo a possibilidade de repactuação das apólices, caso haja aumento ou redução do valor da importância segurada. Somente a partir de setembro de 1996, que os contratos de seguros de vida foram desindexados, instituindo-se a atualização anual de valores de acordo com o índice de preços livremente pactuados.¹⁹

¹⁹ Coroliano, Márcio, "Padrões Gerais do Mercado Segurador Brasileiro", SUSEP, (outubro de 1996), pág. 7.

Pode-se dizer que o ramo de seguros foi dos que melhores vantagens colheu do plano econômico, tendo sido capaz de vencer desafios que se apresentaram, ao tomar as seguintes providências:

- imediata adaptação das condições comerciais, pela identificação e eliminação do “excesso”, que é de regra gerado numa economia altamente inflacionada;
- maior agilidade no lançamento de novos produtos;
- promoção mais agressiva na campanha de crédito na comercialização dos produtos, levando em conta o fato de que os clientes começaram a confiar mais na estabilidade do poder de compra (exemplo: seguro de vida);
- imediata reestruturação operacional, visando à redução de custos e acelerando os processos , com especial ênfase no:
 - ◆ investimento em treinamento e motivação do pessoal
 - ◆ investimento em novos equipamentos e sistemas de comunicação e informática;
- estabelecimento de relacionamento mais estreito e forte com a indústria de seguridade internacional (incluindo companhias de seguro, de resseguro e outras companhias de categorias afins e autoridades);
- incremento do número de eventos dedicados à promoção da indústria do seguro, como: seminários, congressos, campanhas, etc.²⁰

A inovação tem sido muito importante como forma de os seguradores conquistarem novos clientes. Nestes últimos quatro anos, os consumidores têm tido acesso a um maior leque de opções. Até 1992, os produtos oferecidos pelas seguradoras eram padronizados nos preços e em coberturas. Hoje, já é possível encontrar pacotes sob medida, pagando apenas o risco que representa. Com a estabilização da economia, os preços praticados pelas companhias são semelhantes e a concorrência se dá cada vez mais na área de prestação de serviços.

Atraídas pela a estabilidade econômica e pelo forte potencial que as seguradoras brasileiras vem apresentando nestes últimos anos, grandes empresas estrangeiras estão

²⁰ Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização, Fenaseg, “Seguros, Capitalização, Previdência Privada no Brasil”, (maio de 1996), pág. 21.

se instalando no Brasil. Além do fato de que a resolução do CNSP, que fixava em, no máximo, um terço do capital votante ou 50% do capital total a participação de grupos internacionais em empresas brasileiras, ter se tornado nula.

O ano de 1996 foi marcado por um grande número de associações de empresas nacionais com empresas estrangeiras. E para este ano de 1997, espera-se muitas outras operações de fusões. Esta parte será muito bem analisada em um outro capítulo desta monografia.

O aumento da competição provocado pela chegada ao Brasil dos grupos estrangeiros, está obrigando as seguradoras a investirem um volume muito grande de capital em automação. Segundo o Conselho de Informática da Federação Nacional das Seguradoras (Fenaseg), os investimentos em informatização serão 15% maiores do que em 1996.²¹ Além disso, as companhias de seguros estão enfrentando uma concorrência de uma série de sistemas já utilizados no exterior, como o telemarketing, especialmente nos seguros de massa.

A Internet já está sendo usada pelas seguradoras como instrumento de vendas, com o objetivo de aproximar a empresa seguradora dos corretores e oferecer uma nova opção aos consumidores. Entretanto, a utilização desta tecnologia como canal de vendas, está esbarrando em algumas resoluções da SUSEP e da CNSP, como a que exige do futuro segurado a assinatura de uma declaração de que goza de perfeita saúde. Essa norma impede que a contratação do seguro seja feita inteiramente on-line.

Em diversos países, principalmente nos Estados Unidos, foram desenvolvidos, já há muito tempo atrás, os sistemas de avaliação de riscos independentes das empresas de seguros, conhecido como "rating". Este sistema começa a ganhar evidência aqui no Brasil. Isto decorre do fato do grande aumento da demanda do consumidor por informações sobre o produto e a seguradora. Com a vinda do Real, as pessoas começaram a selecionar melhor suas compras e investimentos, já que a noção do seu dinheiro ficou mais clara e permitiu um maior planejamento da sua renda. O

²¹ Instituto de Resseguros do Brasil, "Clipping", (14 de março de 1997).

consumidor quer se precaver contra os riscos que a seguradora em si significa para ele, já que está confiando parte de sua renda a esta empresa.

O sistema de “rating” já existe no Brasil, faz alguns anos. Há algum tempo atrás, a classificação das seguradoras vem sendo feita pela empresa Austin Assis. Porém, quase ninguém no mercado consumidor tinha conhecimento ou interesse por este tipo de informação, além destas informações só aparecerem com os balanços das empresas.

Uma pesquisa recente, feita pela Associação Brasileira de Gerenciamento de Riscos (ABGR) com 151 gerentes de riscos de grandes empresas em 1995, atribuiu a maior nota ao quesito “lisura nas negociações”, que obteve 7,91 (notas de 1 a 10). A menor nota ficou por conta do “suporte em gerenciamento de risco”, com 5,9. A “qualidade de atendimento”, “o cumprimento de acordos” e o “pagamento de indenizações” , também receberam notas boas, com 7,36 , 7,40 e 7,3 respectivamente. Os principais aspectos negativos citados pelos gerentes de risco são a pouca “criatividade em relação às necessidades dos clientes” e as “vistorias técnicas” (com notas 6,10 e 6,24 respectivamente).²²

²² Gazeta Mercantil, “Seguros”, Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág. 96.

II- O DESEMPENHO DOS DIVERSOS RAMOS DE SEGUROS NO BRASIL

O mercado segurador brasileiro acumulou uma receita total de prêmios de R\$ 15,1 bilhões em 1996, o que representou um aumento de 7,59% em relação ao volume do ano anterior, de R\$ 14,05 bilhões (valor atualizado pela UFIR até dezembro/95). O primeiro trimestre de 1997 apresentou um crescimento nominal de 20,53%. O volume de prêmios no período foi de R\$ 4,1 bilhões, ante R\$ 3,4 bilhões no primeiro trimestre de 1996, segundo dados da SUSEP.²³

Os sinistros retidos cresceram muito mais, 21%, atingindo R\$ 8,8 bilhões em 1996. Esse crescimento dos sinistros maior do que o aumento de prêmios indica um aumento da sinistralidade da carteira das seguradoras. Como pode-se ver no quadro a seguir, a sinistralidade aumentou de 58,49% para 63,38% em 1996.

O ano de 1996 não foi exatamente um bom ano para a atividade seguradora. Isto pode ser visto pelo índice combinado, que mede a rentabilidade operacional do setor - passou de 0,997 para 1,000. Isto quer dizer que praticamente houve um empate entre receita apurada e despesas gerais, incluindo sinistros, das companhias de seguros. O resultado financeiro, que sempre salvou o desempenho das seguradoras, também não ajudou, caindo quase 30%.

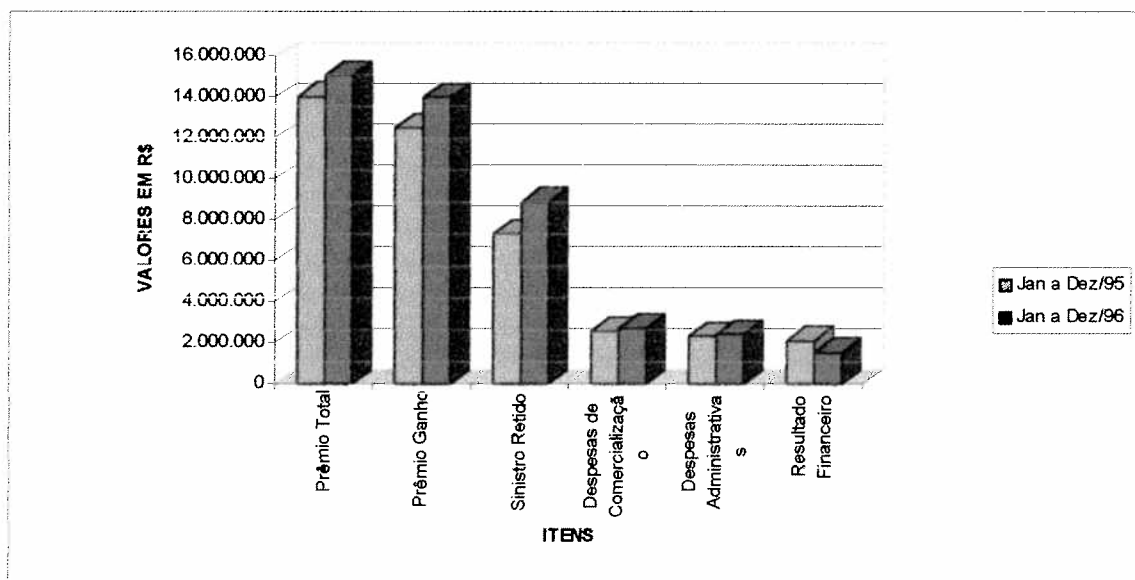
²³ Jornal Gazeta Mercantil, (16 de maio de 1997), pág. B-4.

ACUMULADO JAN A DEZ/95 E 96

(Valores expressos em R\$ mil)

ITENS	Jan a Dez/95	Jan a Dez/96
Prêmio Total	14.045.692	15.111.131
Prêmio Ganho	12.520.089	13.997.631
Sinistro Retido	7.323.544	8.871.128
Despesas de Comercialização	2.593.870	2.700.193
Despesas Administrativas	2.310.321	2.427.079
Resultado Financeiro	2.116.007	1.537.195
Sinistralidade	58,49%	63,38%
Desp. Adm. / Prêmio Ganho	18,45%	17,34%
Desp. Comercial / Prêmio Ganho	20,72%	19,29%
índice combinado	0,977	1
índice combinado ampliado	0,835	0,901

Fonte: SUSEP



Nos últimos quatro anos, os consumidores brasileiros tiveram acesso a muitos lançamentos. Até 1992, todos os produtos oferecidos pelas seguradoras eram padronizados, tanto nos preços como em coberturas. Mas hoje, já é possível contratar pacotes sob medida, pagando apenas pelo risco que representa. E o cliente já consegue bons descontos do corretor ou da companhia de seguros.

Podemos fazer uma comparação entre os diversos continentes e analisar a evolução do mercado segurador no mundo, apesar de só apresentar dados até 1994. Vale ressaltar a grande diferença de volumes de prêmios quando comparamos a América Latina com a América do Norte ou com a Europa.

PRÊMIO TOTAL NO MUNDO

Valores em US\$ em milhões

Continentes	Volume de Prêmios 92	Participação no mundo (%)	Volume de Prêmios 93	Participação no mundo (%)	Volume de Prêmios 94	Participação no mundo (%)
A. do Norte	556.892	37,99	600.160	33,29	628.343	31,93
A. Latina	19.345	1,32	21.818	1,21	30.068	1,53
Europa	456.087	5,7	490.711	27,22	543.482	27,62
Ásia	394.117	3,6	628.012	34,84	698.330	35,49
África	17.293	7,1	17.620	0,98	18.685	0,95
Oceania	22.205	2,6	23.142	1,28	26.848	1,36
Ñ. Classificad	----	---	21.268	1,18	22.031	1,12
Total	1.465.939	100,00	1.802.731	100,00	1.967.787	100,00

Fonte: Swiss Re, Sigma

II.1- AUTOMÓVEL

O Seguro de Automóveis ainda é o líder de vendas no mercado, tanto em número de contratos como em volume de prêmios. A sua contratação é voluntária, com exceção do seguro de Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores (DPVAT), obrigatório a todos os proprietários de veículos. Entretanto, poucas pessoas em caso de acidentes recorrem ao DPVAT, em parte por não saberem como funciona o mecanismo de indenização.

Qualquer seguradora é obrigada a pagar a indenização ao segurado que a procurar, pois todas recebem 1% da receita de prêmios para o atendimento da indenização. Cerca de 4,5% da receita do DPVAT é destinada ao Detran, 6% corresponde a taxas bancárias, 3% para processamento de dados, 4% para serviços de corretagem e 2,5% de custos operacionais para gestão dos negócios.²⁴

Em 1996, o prêmio total do ramo de Automóveis chegou a R\$ 4.593 bilhões, representando 30,39% do total dos prêmios de todos os ramos. Entretanto, está ocorrendo uma queda significativa. Em 1994, o Seguro de Automóveis representava 39,97% do total de prêmios e em 1995 caiu para 35,65%. De 1995 para 1996 este setor apresentou uma queda de 8,27%.

²⁴ Gazeta Mercantil, "Seguros", Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág. 63.

A causa da queda foi uma guerra de preços entre as seguradoras, que começaram a oferecer descontos de 20% a 30%, diminuindo assim o valor do prêmio. E também o aumento da sinistralidade no ramo, fez com que diminuísse a margem de lucro das seguradoras, devido principalmente ao aumento de furtos. Hoje, este setor é extremamente concentrado, com as três maiores empresas representando 32,1% da produção de prêmios no setor, como se pode ver na tabela a seguir:

SEGURO AUTOMÓVEL

COMPANHIA	Jan a Dez/1996	
	PRÊMIO TOTAL (em R\$ milhões)	
Porto Seguro	584,8	(12,7 %)
Sul América	523,1	(11,4 %)
Bradesco Seguros	369,2	(8 %)
Bamerindus	277,9	(6,1 %)
Paulista	265,2	(5,8 %)
Unibanco	209,5	(4,6 %)

Fonte: SUSEP

No primeiro trimestre de 1997, o DPVAT teve o segundo maior crescimento, 37,05%, atingindo uma receita de prêmios de R\$ 171,5 milhões. O segmento de automóveis cresceu 20,18%, atingindo R\$ 1,25 bilhão. Mesmo não tendo o maior crescimento, o ramo de automóveis continua concentrando a maior parcela do negócio, 30,55% da receita.²⁵

Para enfrentar a concorrência e tentar atrair as pessoas que não fazem seguro, as companhias estão tentando agradar cada vez mais o consumidor. A seguradora do Banerj, por exemplo, lançou em 1996 um seguro inédito, que se chama Auto Banerj com restituição. Se depois de 12 meses o cliente não tiver qualquer tipo de sinistro, terá de volta 70% do valor segurado.²⁶ A Minas Brasil Seguradora oferece ao cliente um veículo locado, se ocorrer algum sinistro com o automóvel segurado, não deixando o segurado sem automóvel.²⁷

²⁵ Jornal Gazeta Mercantil, (16 de maio de 1997), pág. B-4.

²⁶ Gazeta Mercantil, "Seguros", Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág 64.

²⁷ "Seguros & Riscos", Ano XI, nº 107, (fevereiro de 1997).

Está ficando cada vez mais comum as seguradoras pagarem indenizações em até sete dias úteis. Até a algum tempo atrás o normal eram trinta dias úteis. Várias companhias já concedem desconto no seguro de carros populares zero quilômetros. Além disso, o cliente não precisa mais levar a um posto o veículo para fazer vistoria. O vistoriador marca um horário com o segurado e vai até o local indicado.

Com o aumento da informatização, as seguradoras estão melhorando o cálculo de probabilidade de o risco acontecer, através de informações que têm sobre o bem segurado e o cliente. As companhias sabem qual é o tipo de carro mais roubado, qual é a região mais propícia ao roubo e o perfil do motorista. Além disso, ainda fazem campanhas direcionadas a evitar o furto.

O tipo de seguro mais vendido é a apólice abrangente, que engloba cobertura de roubo, incêndio, colisão e danos causados a terceiros, apesar de ser possível contratar apenas os dois primeiros. O segurado que não utiliza o seguro durante o ano acumula bônus, conseguindo desconto na renovação do contrato.

Os preços praticados no mercado são parecidos, pois as seguradoras têm custos operacionais muito semelhantes e estão sujeitas às mesmas oscilações de índice de roubo. O que diferencia os preços são os benefícios, que estão quase sempre embutidos no preço.

Uma das características do seguro de automóvel no Brasil é a escassa importância dada à responsabilidade civil, se compararmos com a maioria dos outros países. Isto decorre, em parte, da maior preocupação com o veículo e da morosidade da Justiça em caso de processo.

II.2- VIDA

O Seguro de Vida vem apresentando um grande crescimento. De 1994 para 1995, o setor cresceu quase 100%. Em 1995 apresentou R\$ 2,4 bilhões de prêmio total,

representando uma fatia de 17,13% do total do mercado. Em 1996 o valor aumentou para R\$ 2,8 bilhões, com 18,73% de participação do total do mercado, logo com um crescimento de 17,64%. Entretanto, deixou de ser o segundo maior ramo na participação do total de prêmios em 1996, sendo superado pelo seguro saúde, que vem crescendo a uma taxa maior.

Este é o seguro mais vendido no mundo inteiro. Aqui no Brasil está ocorrendo um “boom” nas vendas, devido a maior oferta de produtos de vida por seguradoras que não atuavam com esta carteira. Além disso, vários bancos e administradoras de cartões de crédito estão entrando no ramo. A venda deste seguro já está bem massificada e os contratos foram simplificados. O consumidor só precisa pagar a fatura enviada pelo correio no banco autorizado e está segurado.

Com a estabilização da economia, está aumentando o interesse no Brasil pelo seguro capitalizado. Este é um seguro de vida resgatável, com o qual o segurado recebe todo o seu dinheiro de volta, corrigido monetariamente, com desconto da taxa de administração, se sobreviver até o final do contrato. Atualmente, grande parte dos recursos investidos nas cardenetas de poupança estão sendo transferidos para o seguro de vida resgatável. Esse tipo de investimento tem vários atrativos, pois, além de oferecer um rendimento superior ao da poupança, ainda garante a indenização para a família, no caso de morte do segurado.

Em épocas de inflação alta, o seguro capitalizado era inviável no Brasil, fazendo com que alguns brasileiros de alto poder aquisitivo fossem procurar este tipo de cobertura no exterior.

Os contratos de seguro capitalizado oferecidos no Brasil têm prazo de dez anos e uma taxa administrativa de proximadamente 12% ao ano. O titular paga uma quantia mensal proporcional ao valor do capital segurado. Uma quantia desta parcela fica com a seguradora como taxa de administração, outra parte fica com a empresa por constituir o seguro de vida propriamente dito. O restante, entre 70% e 85%, é administrado como um fundo de investimento.

No seguro de Vida tradicional, chamado de “seguro de morte”, não é cobrada a taxa de administração, pois o valor da indenização não é capitalizado e sim determinado no início do contrato. Na verdade, o seguro de vida capitalizado se tornou um investimento de longo prazo, competindo com outros tipos de investimentos como empresas de previdência privada, fundos mútuos e fundos de pensão.

Os setores de Seguro- Saúde e de medicina em grupo apresentam uma tendência de crescimento contínuo, devido ao progressivo envelhecimento da população do país e de forma a compensar as falhas do sistema público de saúde. O seguro de “morte”, apesar de não ser tão atraente como o de capitalização, tende a crescer. As empresas com acordos sindicais negociam a contratação do seguro de vida, estão obrigadas a fazer o seguro de acidente de trabalho dos empregados e a subsidiar uma parte do seguro-saúde. Além disso, tornou-se um hábito entre os bancos conceder empréstimos imobiliários a pessoas que geralmente têm um seguro-saúde.

A participação do Seguro de Vida no PIB brasileiro é muito pequena se compararmos com outros países. Na América Latina, o Chile é o país que tem a maior participação no PIB, 1,91% de seguro de vida.²⁸ O quadro a seguir faz uma comparação deste setor de seguros nos diversos continentes.

SEGURO DE VIDA NO MUNDO		
1994		
Continentes	Prêmios em US\$ bilhões	Participação no mundo em %
Ásia	537	47,9
Europa	282	25,2
América do Norte	268	23,9
África	13	1,2
Oceania	13	1,1
América Latina	6	0,6
Não classificado	2	0,2

Fonte: Sigma/ Swiss Re (n°4 /1996)

²⁸ Gazeta Mercantil, “Seguros”, Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág. 68.

Existe um grande índice de fraude no ramo de Vida. Há tempo o mercado brasileiro vem sentindo perdas substanciais nas coberturas de I.P.A. (Invalidez Permanente por Acidente) e I.P.D. (Invalidez Permanente por Doença). Ações isoladas de algumas seguradoras detectaram fraudes em simulações de doenças, as quais são relatadas com documentação preparada por quadrilhas e apoiadas por médicos corruptos. Estes concedem atestados de invalidez falsos e são cúmplices na facilitação do recebimento de grandes indenizações do seguro de vida conjugado com o de acidentes pessoais. A solução para estas fraudes seria a criação de um banco de dados único, que orientaria a aceitação de riscos e as liberações de indenizações.²⁹

II.3- SAÚDE

O Seguro-Saúde está cada vez com mais espaço no mercado segurador. A participação em 1994 era de 14,7% dos prêmios globais e em 1995 pulou para 15,3%, até chegar em 1996 com quase 20%, voltando a ocupar a segunda posição no mercado. No ano passado obteve um prêmio total de R\$ 3,02 bilhões e o maior crescimento, em relação a 1995, entre os setores, 40,22%. No primeiro trimestre de 1997 apresentou uma parcela de 21,73% no mercado segurador.

Esta carteira está hoje dividida entre vários tipos de entidades privadas, como associações de medicina de grupo, cooperativas, administradoras de serviços e seguradoras. Estima-se que 35 milhões de pessoas no país são assistidas pela iniciativa privada (das quais 30 milhões por administradoras de planos de saúde) em diversas modalidades de atendimento, incluindo o Seguro- Saúde.

O crescimento do Seguro-Saúde está sendo impulsionado devido a precariedade do sistema de previdência social , a escassa fiscalização das empresas de medicina de grupo, pelo aumento do poder aquisitivo da população e pela queda da inflação.

²⁹ Fundação Escola Nacional de Seguros, FUNENSEG, Cadernos de Seguro, Ano XVII. nº 83, (Jan/Fev de 1997), pág. 27.

Existe uma elevada concentração de negócios neste ramo, o que levou a uma política de incentivos a entrada do capital estrangeiro. Até 1996 existiam 37 empresas atuando neste setor, entretanto apenas três delas detêm 81,6% do mercado, a Sul América, a Bradesco e a Golden Cross, como se pode ver no quadro abaixo.

SEGURO SAÚDE		
Janeiro a dezembro de 1996		
Companhia no total	Prêmios Totais em R\$ milhões	Participação
Sul América	989,6	38,78%
Bradesco	819,6	27,15%
Golden Cross	472,1	15,64%
Outras	737,3	18,43%
Total	3.018,6	100,00%

Fonte: Susep, Boletim Estatístico.

A maioria das seguradoras atuam apenas com planos de seguro em grupo, chamado seguros empresariais, feito pelas empresas para seus funcionários. Somente Bradesco, Sul América, Porto Seguro, Marítima, Bamerindus e Golden Cross vendem planos individuais. Entretanto o Excel Econômico e o Itaú já começaram a lançar o plano individual.

A carteira de Seguro-Saúde é muito complicada, por isso muitas seguradoras preferem não atuar neste segmento. Os prêmios saem com a mesma velocidade que entram na seguradora. Logo, as companhias tentam se defender de alguma maneira: excluem algumas doenças no atendimento ao segurado, impõem limites em internações e em cirurgias, etc. Com isso, quase 90% das doenças mais frequentes na população brasileira ficam sem cobertura.

Em 1995, a SUSEP determinou que todas as seguradoras deveriam oferecer planos com coberturas globais, excluindo-se apenas as tradicionais cirurgias estéticas,

as epidemias e as conseqüências de uso de drogas, permitindo-se a carência para o tratamento de doenças existentes antes do plano.³⁰

Em março de 1997 foi baixada uma lei que obriga as empresas e seguradoras de saúde a garantir atendimento médico-hospitalar a todas as patologias. A legislação é válida apenas no Estado de São Paulo. Isto tem causado várias contestações por parte das empresas e a Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e Capitalização (Fenaseg) entrou com uma ação de inconstitucionalidade contra a lei.

O governo está abrindo este mercado ao capital estrangeiro com o objetivo de estimular a concorrência de preços e produtos. Novas opções estão vindo para o Brasil. Uma delas é o “managing care”, um conceito bem desenvolvido nos Estados Unidos. A diferença básica entre o sistema americano e o que se pratica no Brasil é que a preocupação aqui atualmente é tratar a doença e cobrir os custos do tratamento. O “managing care” dá mais ênfase à prevenção, com os segurados recebendo incentivos a realizar consultas e exames periódicos e se comprometendo a adotar um comportamento saudável.³¹

II.4- OUTRAS MODALIDADES DE SEGURO

Os Riscos Diversos ocupam a quarta posição no mercado. Em 1995 acumulou cerca de R\$ 1,2 bilhão de prêmio total, com participação de 8,3% do mercado total. Em 1996 houve uma pequena queda para cerca de R\$ 1,1 bilhão e a participação caiu para 7,07%, logo uma queda de 9,04%. Esta queda pode estar relacionada ao fato de as grandes empresas consumidoras de seguro estarem fazendo economia. As taxas estão caindo a cada ano devido a concorrência dos preços, da maior flexibilidade do resseguro e das medidas preventivas de acidentes que estão sendo adotados.

As grandes empresas e, conseqüentemente, os maiores contratos de seguros do país, com prêmios anuais de R\$ 500 mil a R\$ 3 milhões, como Shell, Souza Cruz,

³⁰ Gazeta Mercantil, “Seguros”, Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág. 73

Petrobrás, Varig, têm economizado tempo e dinheiro. Elas têm investido em gerenciamento de riscos, como, por exemplo, fazendo uma cuidadosa vistoria nas instalações da empresa, poupando em média 20% do valor do prêmio, nos últimos três anos.³²

O volume de prêmios gerados com seguro de riscos industriais apresentou uma queda significativa de 1992 para cá e ainda deverá cair mais com a progressiva abertura do mercado segurador às empresas estrangeiras. Isto está ocorrendo por dois motivos: concorrência de preço entre as companhias, flexibilidade do resseguro e aperfeiçoamento de técnicas de controle de riscos e probabilidades.³³

O número de roubos de carga, por exemplo, continua crescendo muito. Em 1996 foram registrados 921 casos no Estado de São Paulo, contra 838 em 1995. Em todo o Brasil, os prejuízos somaram R\$ 109,4 milhões em 1996. Como solução, as empresas de transportes estão adotando o gerenciamento de riscos e o Estado está aumentando o policiamento e as investigações.³⁴

Quanto maior o número de medidas de segurança adotadas pelas empresas, maior será o abatimento no prêmio. Cada medida preventiva e equipamento tem um desconto. A região em que a empresa está instalada também conta na hora de contratar o seguro.

Depois da carteira dos Riscos Diversos vem o setor de Habitação. Em 1995 apresentou um prêmio total de R\$ 683,1 milhões (valor atualizado pela UFIR até dezembro de 95) e uma participação no mercado total de 4,86%. De 1995 para 1996, houve um crescimento no setor de 20%, passando para um volume de prêmios de R\$ 819,7 milhões e uma participação de 5,42%

Depois de Habitação vem o setor de Incêndios, que apresentou em 1995 um prêmio total de R\$ 527,5 milhões (valor atualizado pela UFIR até dezembro de 95),

³¹ "Seguros & Riscos", Ano XI, nº 107, (fevereiro de 1997), pág. 42.

³² Gazeta Mercantil, "Seguros", Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág. 75.

³³ Gazeta Mercantil, "Seguros", Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág. 93

³⁴ "Seguros & Riscos", Ano XI, nº 107, (fevereiro de 1997), pág. 29.

com uma participação de 3,76%. Em 1996 o valor passou para R\$ 671,7 milhões e uma participação de 4,45%, apresentando um crescimento de 27,33%.

Em seguida temos o setor de DPVAT (Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores), que apresentou um crescimento em 1996 de 12,42% em relação a 1995, passando de um volume de prêmio total de R\$ 488,5 milhões para R\$ 549,1 milhões e uma participação de 3,48% para 3,63%.

O ramo de Acidentes Pessoais aparece depois com um volume de prêmio total de R\$ 459,9 milhões e uma participação de 3,04% em 1996 e com um crescimento em relação a 1995 de 2,38%. Em 1995 o valor do prêmio total era de R\$ 449,2 milhões (valor atualizado pela UFIR até dezembro de 95), porém com uma participação um pouco maior, de 3,20%.

E por último temos o ramo de transportes, que fechou 1996 com um volume de prêmio total de R\$ 350 milhões e uma participação no mercado de 2,32%. Apresentou uma queda em relação a 1995 de 3,84%.

PRÊMIO TOTAL DO MERCADO- POR RAMO

Valores expressos em R\$ (mil)

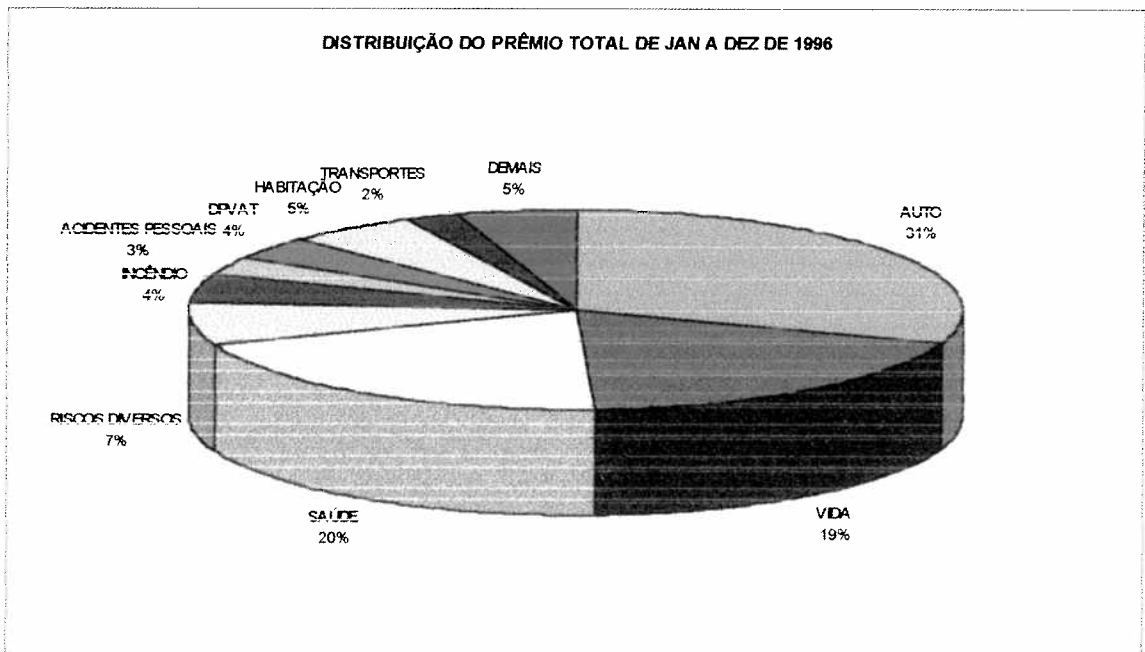
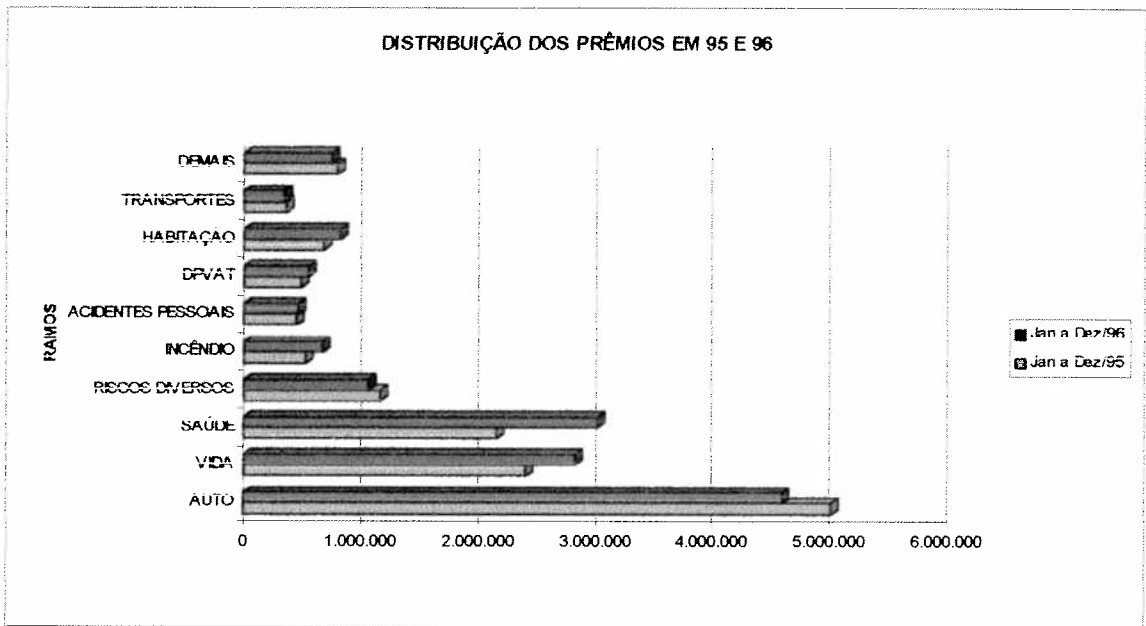
RAMOS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%
AUTO	5.006.766	35,65%	4.592.939	30,39%
VIDA	2.406.173	17,13%	2.830.576	18,73%
SAÚDE	2.152.834	15,33%	3.018.649	19,98%
RISCOS DIVERSOS	1.173.801	8,36%	1.067.730	7,07%
INCÊNDIO	527.541	3,76%	671.718	4,45%
ACIDENTES PESSOAIS	449.214	3,20%	459.927	3,04%
DPVAT	488.450	3,48%	549.137	3,63%
HABITAÇÃO	683.150	4,86%	819.746	5,42%
TRANSPORTES	364.008	2,59%	350.023	2,32%
DEMAIS	793.755	5,65%	750.685	4,97%
TOTAL DOS RAMOS	14.045.692	100,00%	15.111.130	100,00%

Fonte: Susep

Dados atualizados até 13.03.97

%- Representatividade de cada ramo em relação ao mercado

Os dados de 1995 foram atualizados pela UFIR até dezembro/95 (UFIR de fechamento- 0,8287)



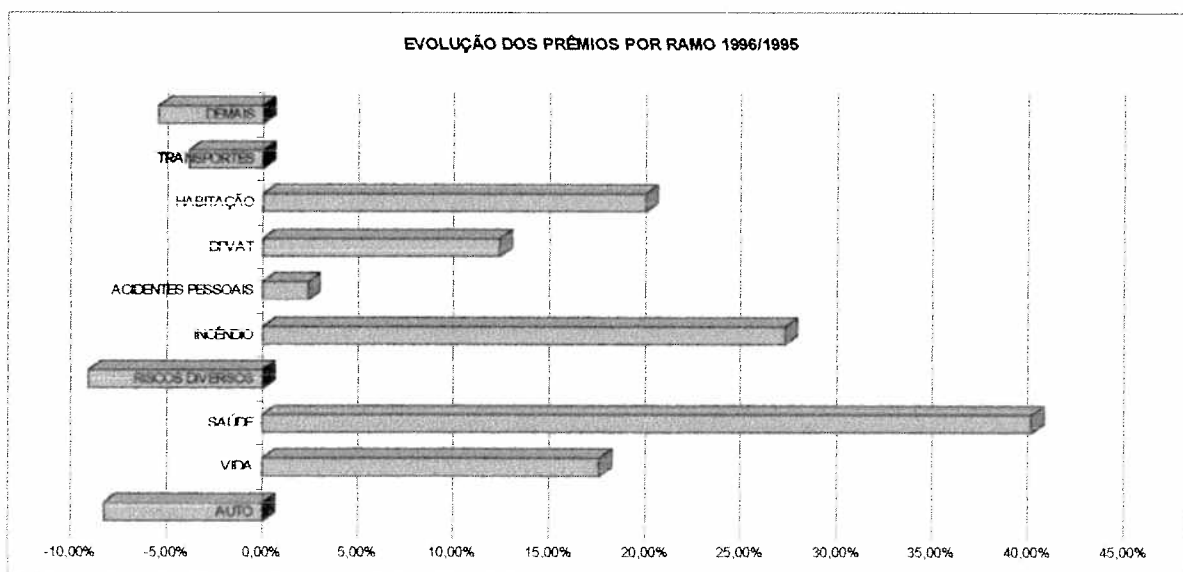
EVOLUÇÃO DO PRÊMIO TOTAL DO MERCADO- 1996*1995

RAMOS	EVOLUÇÃO- 96*95
AUTO	-8,27%
VIDA	17,64%
SAÚDE	40,22%
RISCOS DIVERSOS	-9,04%
INCÊNDIO	27,33%
ACIDENTES PESSOAIS	2,38%
DPVAT	12,42%
HABITAÇÃO	20,00%
TRANSPORTES	-3,84%
DEMAIS	-5,43%
TOTAL DOS RAMOS	7,59%

Fonte: Susep

Dados atualizados até 13.03.97

Os dados de 1995 foram atualizados pela UFIR até dezembro/95.



SINISTRO RETIDO NO MERCADO- POR RAMO
(valores em R\$ mil)

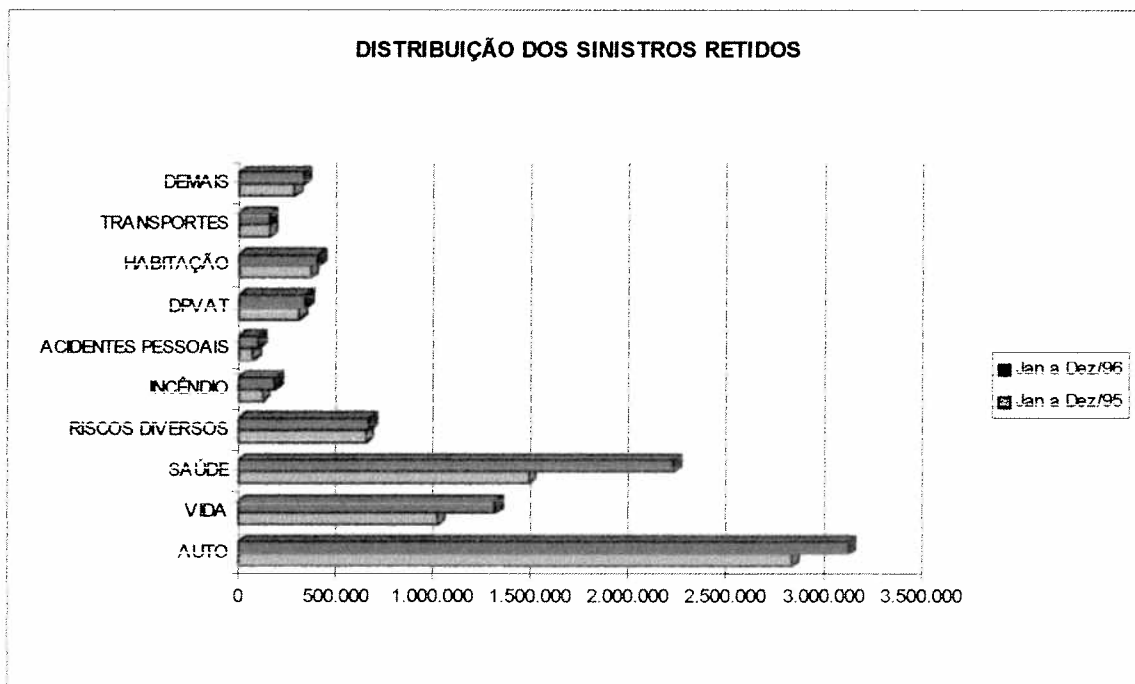
RAMOS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%
AUTO	2.834.961	38,71%	3.122.056	35,19%
VIDA	1.024.004	13,98%	1.318.298	14,86%
SAÚDE	1.486.642	20,30%	2.225.897	25,09%
RISCOS DIVERSOS	657.574	8,98%	667.145	7,52%
INCÊNDIO	122.819	1,68%	191.707	2,16%
ACIDENTES PESSOAIS	74.461	1,02%	100.135	1,13%
DPVAT	311.443	4,25%	346.921	3,91%
HABITAÇÃO	369.686	5,05%	405.972	4,58%
TRANSPORTES	158.855	2,17%	158.602	1,79%
DEMAIS	283.098	3,87%	334.395	3,77%
TOTAL DOS RAMOS	7.323.543	100,00%	8.871.128	100,00%

Fonte: SUSEP

% - Representatividade de cada ramo em relação ao mercado

Dados atualizados até: 13.03.97

Os dados de 1995 foram atualizados pela UFIR até dezembro/95



III- A PARTICIPAÇÃO ESTRANGEIRA NO MERCADO SEGURADOR BRASILEIRO

O ano de 1996 foi um período de mudanças estruturais, em que a atividade seguradora brasileira mudou de patamar, deixando de ser um negócio fechado para entrar no mundo. Isso se deu com a abertura de suas portas para o capital estrangeiro. A partir daí grandes operações de fusão e aquisição vem ocorrendo. Antes, pela Resolução nº 14/86, a participação estrangeira estava limitada a 50% do capital total e a um terço do capital votante.

As seguradoras estrangeiras têm mostrado grande interesse em se estabelecerem aqui, pois é um mercado que está em grande crescimento, devido a uma economia que se estabilizou a pouco tempo. De 1994 para 1996, a participação do setor de seguros no PIB brasileiro dobrou e o faturamento total das seguradoras saltou de 5 bilhões de dólares para aproximadamente 15 bilhões.³⁵ Além disso, as companhias estrangeiras consideram positiva a possibilidade de poderem operar no setor de resseguros, serviço que hoje está sob monopólio do governo, mas que está em vias de privatização.

O que atrai os estrangeiros também é fato de o Brasil ser um país privilegiado pela natureza, onde não ocorrem terremotos, maremotos, furacões e outros desastres que são comuns em outras partes do mundo. As maiores perdas das companhias internacionais são, geralmente, provocadas por desastres humanos e naturais.

³⁵ "Revista Exame", (9 de abril de 1997), pág. 60.

Além disso, a taxa de juro do Brasil, que chegou em 1996 a 16% (real), tem atraído as seguradoras estrangeiras. O principal ganho das seguradoras vem da aplicação do dinheiro dos segurados. A empresa ganha com a aplicação do dinheiro no mercado financeiro, enquanto ele não é usado para pagar as indenizações. Quanto maiores as taxas de juros, maiores os ganhos com a aplicação das chamadas reservas técnicas.³⁶

Outro fato que atrai o capital estrangeiro é a abertura da previdência privada, voltadas para a poupança de longo prazo, e do seguro de acidentes de trabalho à iniciativa privada. O ramo da previdência, que é pequeno no Brasil, oferece um grande potencial para as empresas estrangeiras. Com a aprovação da reforma da Previdência, a poupança de longo prazo dos brasileiros deverá crescer muito.

Uma pesquisa feita recentemente pela KPMG, que apurou o número de fusões, aquisições e “joint-ventures” no Brasil, constatou que ocorreram 328 transações em 1996. O mercado de seguros ficou em quinto lugar no ranking totalizando 16 operações de associação ou de compra entre seguradoras nacionais e estrangeiras.³⁷

A abertura do mercado nacional aos grupos estrangeiros beneficia principalmente o consumidor brasileiro. O segurado terá acesso a produtos cada vez melhores, tanto em relação ao preço quanto na qualidade no atendimento às suas necessidades. Para as seguradoras brasileiras, as associações com estrangeiros é muito importante, principalmente em razão da transferência de “know-how” na área de seguros de pessoas. Trás benefícios como o desenvolvimento de novas formas de distribuição, com preços mais baratos e mais eficiente.

III.1- AS OPERAÇÕES ENTRE AS SEGURADORAS

Uma das maiores transações de 1996 foi a compra de 68% da Paulista Seguros, dona de uma receita de 400 milhões de dólares, pela Liberty Mutual, sexagésima

³⁶“ Revista Exame”, (9 de abril de 1997), pág. 62.

³⁷ “Seguros & Riscos”, Ano XI, nº107, (fevereiro de 1997), pág. 47.

colocada no ranking mundial, com faturamento de 9,5 bilhões de dólares. Esta transação envolveu a cifra de 105 milhões de dólares.³⁸

Outra grande operação, que aconteceu em junho de 1996, foi a associação entre a Icatu Seguros e a ITT Hartford Life, formando a Icatu Hartford. A ITT Hartford procurou ganhar espaço no mercado segurador brasileiro através de uma empresa já posicionada e com atuação exclusiva nos ramos de Vida e Previdência Privada., setores que apresentam uma alta expectativa de crescimento. O objetivo da Icatu é adaptar ao mercado brasileiro os processos implementados nos Estados Unidos por seu novo sócio.

Após a concretização da associação, a empresa passou por algumas reestruturações. Passou a ser representante exclusiva no Brasil do Grupo Swiss Life, que comanda o segundo maior pool de seguradoras de Vida em grupo, com faturamento anual de aproximadamente R\$ 15 bilhões. Com isso, a carteira de clientes do Icatu está aumentando muito. Além disso, a Icatu Hartford associou-se com a Europ Assistance, líder mundial no mercado de assistência. Com esse acordo, a seguradora passou a oferecer junto com seus produtos os mais diversos tipos de assistência.³⁹

Outra importante operação foi a compra pela Mapfre International, maior seguradora e resseguradora espanhola, 45% da Vera Cruz por cerca de 21 milhões de dólares, em janeiro de 1996.⁴⁰ A Mapfre já detinha 49,11% das ações da empresa, que havia comprado em 1991. Ela pretende investir no setor de resseguros quando o fim do monopólio detido pelo IRB for consolidado.⁴¹

Em setembro de 1996 ocorreu a compra de mais 18,5% da Allianz-Ultramar, associada a Bradesco Seguros, pela Allianz AG Holding, maior seguradora européia. Esta passou a deter 48% na sociedade com a Bradesco. O investimento foi de 21 milhões de dólares. A empresa, agora Allianz- Bradesco, está se especializando em seguro industrial.⁴²

³⁸ Jornal "O Estado de São Paulo", (23 de fevereiro de 1997).

³⁹ "Seguros & Riscos", Ano XI, nº 107, (fevereiro de 1997), pág. 44.

⁴⁰ Jornal "O Estado de São Paulo", (23 de fevereiro de 1997).

⁴¹ Gazeta Mercantil, "Seguros", Panorama Setorial, (outubro de 1996), pág. 56.

⁴² Revista "Exame", (9 de abril de 1997), pág. 62.

A Prudential, uma das maiores seguradoras dos Estados Unidos, também está reestruturando a parceria que possui com a Bradesco há mais de 20 anos, numa outra companhia do grupo. A seguradora norte-americana é a maior no mundo no ramo vida. A Bradesco enviou diversos técnicos para os Estados Unidos com o objetivo de se familiarizarem com novas tecnologias de produtos marketing, sistemas e distribuição, e pretende lançar um novo produto de vida individual.⁴³

Entretanto, a maior operação ocorreu em fevereiro de 1997, envolvendo 425 milhões de dólares. A Aetna, maior companhia especializada em seguro-saúde nos Estados Unidos formou uma joint venture com o grupo Sul América, líder do setor. A parceria provavelmente trará novas opções de seguro-saúde para o Brasil. Uma delas é o “managing care”, que dá ênfase a prevenção de doenças, muito utilizado nos Estados Unidos. Isto será feito através da vinda de um grupo de técnicos para atuar em conjunto com o pessoal da Sul América, para a formulação da estratégia na introdução no Brasil desse sistema de “managing care”.

A nova empresa já preve um faturamento para 1997 superior a R\$ 2 bilhões com a venda de produtos no ramo de Seguro-Saúde, Vida, Acidentes Pessoais e Previdência Privada, esperando obter uma fatia de 20% do mercado.⁴⁴

No começo de 1997 aconteceu uma nova transação, envolvendo o banco Econômico com a Cigna, uma das 10 maiores seguradoras dos Estados Unidos, com ativos de 100 bilhões de dólares. A associação envolveu um investimento de 70 milhões de dólares. A Cigna já atuava no Brasil através da Cigna Seguradora, entretanto, necessitava de uma rede varejista para a distribuição de seus produtos. A nova seguradora, chamada Excel-Cigna, pretende atuar inicialmente nos mercados de vida e acidentes pessoais.⁴⁵

A seguradora do Bamerindus também foi comprada, junto com o banco, pelo grupo Hongkong Shanghai Banking Corporation no início de 1997, formando o HSBC Bamerindus.

⁴³ Jornal “Jornal do Comércio”, (23 de maio de 1997), pág. C-8.

⁴⁴ “Seguros & Riscos”, Ano XI, nº 107, (fevereiro de 1997), pág. 39.

Outras operações já estão para serem realizadas esperando apenas a autorização da Susep, como a “joint venture” que a Sudameris fez com a italiana Generali Seguros, chamada Sudameris Generali Companhia Nacional de Seguros. O grupo pretende atuar no ramo de vida e planos de previdência. Além disso, a Generali ainda quer comprar a maior parte que conseguir da Golden Cross, uma das maiores seguradoras da área de saúde do país.⁴⁶

Outro negócio em andamento é a possível associação entre a seguradora do grupo holandês ING, com 242 bilhões de dólares em ativos, e a Porto Seguro, quarta maior companhia brasileira.

A Unibanco Seguros e uma grande seguradora norte-americana, a American International Group (AIG), estão em fase final de negociações para uma grande associação. Pelo acordo, a AIG vai adquirir 49% do capital da Unibanco. E em contrapartida, a Unibanco vai receber 49% da Interamericana Cia de Seguros, subsidiária brasileira da AIG. Com isto, a Unibanco vai receber capital e tecnologia de produtos para crescer.⁴⁷

O fim do monopólio do IRB também está incrementando o interesse pelo mercado nacional de seguros. Várias companhias estão analisando o setor ressegurador. A suíça Swiss Re e a francesa Scor, por exemplo, já estão instaladas no país. A Skandia, maior grupo segurador e ressegurador da Escandinávia, está cogitando associar-se com empresas nacionais. A empresa já tem experiência no mercado brasileiro, pois é uma das resseguradoras que operam com o IRB.⁴⁸

Com a entrada de seguradoras estrangeiras e, conseqüentemente a maior competição, as empresas de médio porte, que não têm um canal de distribuição, tecnologia e uma grande carteira de segurados, estão sendo compradas pelas maiores. Ou então estão se juntando entre si ou se associando com as maiores. A Sul América, por exemplo, comprou a Arbi Seguros, a Cia de Seguros Itatiaia e a Santa Cruz em

⁴⁵ Revista “Exame”, (9 de abril de 1997), pág. 61.

⁴⁶ Jornal “Gazeta Mercantil”, (22 de maio de 1997), pág. B-5.

⁴⁷ Jornal “Gazeta Mercantil”, (5 de junho de 1997), pág. B-8.

⁴⁸ Jornal “Jornal do Comércio”, (23 de maio de 1997), pág. C-8.

1996. A Indiana Seguros fechou uma parceria com a Bradesco Seguros. A Minas-Brasil, a Rural e a Bemge fizeram uma “joint venture”. A Santos Seguradora comprou a Itacolomi.⁴⁹

III. 2- ANÁLISE DA ORIGEM DO CAPITAL DAS SEGURADORAS

Pelas tabelas localizadas no anexo deste trabalho, em 1996 eram 29 seguradoras vinculadas ao capital estrangeiro, 56 eram independentes, 34 vinculadas a bancos e 8 eram estatais. Em 1995 esse dados não eram muito diferentes: 28 seguradoras vinculadas ao capital estrangeiro, 58 independentes, 35 vinculadas a bancos e 7 eram estatais.

DISTRIBUIÇÃO DO PRÊMIO TOTAL ENTRE OS 4 TIPOS DE EMPRESAS valores em R\$ (mil)

EMPRESAS	Prêmio Total em 95	%	Prêmio Total em 96	%	% a.a.
ESTRANGEIRAS	1.768.465	13,72%	2.611.719	17,28%	47,68%
INDEPENDENTES	5.094.176	39,52%	5.597.274	37,04%	9,88%
VINC. A BANCOS	5.092.434	39,51%	5.726.048	37,89%	12,44%
ESTATAIS	933.907	7,25%	1.175.714	7,78%	25,89%
TOTAL	12.888.982	100,00%	15.110.755	100,00%	17,24%

Fonte: Susep.

%- representatividade em relação ao mercado total.

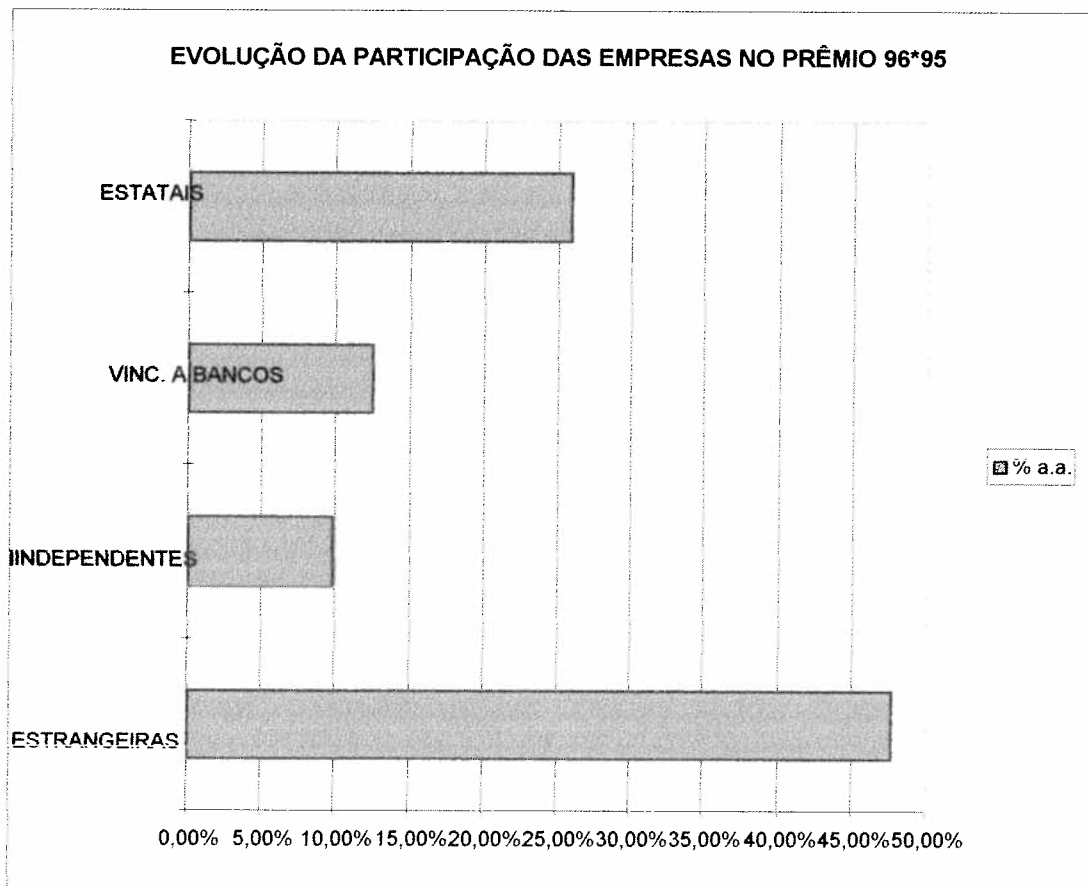
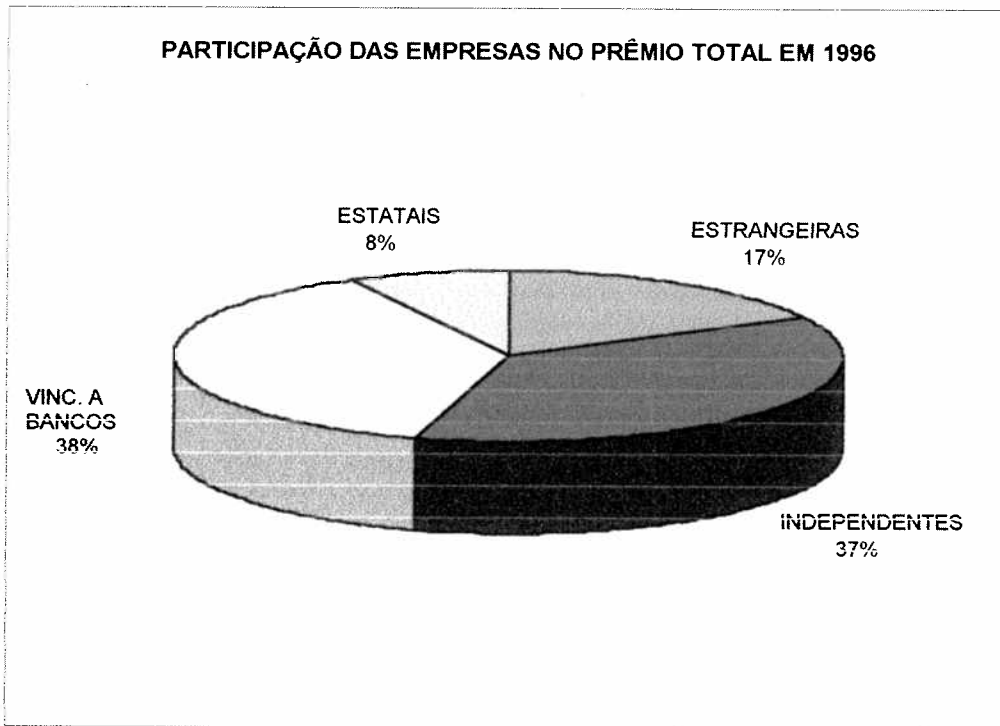
% a. a.- evolução do volume de prêmios totais do ano de 1996 em relação a 1995.

O mercado segurador ficou menos concentrado em 1996 se comparado a 1995. Como se pode notar na tabela acima, a participação das empresas vinculadas ao capital estrangeiro no volume de prêmio total foi a que mais aumentou de 1995 para 1996. Passou de 13,72% para 17,28% e apresentou um crescimento de quase 48% de volume de prêmios. Um valor muito acima do crescimento do volume total dos prêmios.

A participação das seguradoras independentes no mercado caiu de 39,52% para 37,04%. A fatia das companhias vinculadas a bancos no mercado também caiu. Pode-

⁴⁹ Jornal “O Estado de São Paulo”, (23 de fevereiro de 1997).

se atribuir esta queda, tanto nas independentes como nas vinculadas a bancos, o fato do aumento da entrada de capital estrangeiro na atividade seguradora.



Pela tabela abaixo, percebemos que as seguradoras independentes são as que detem a maior parcela do mercado no ramo de Automóveis, seguidas pelas vinculadas a bancos. Entretanto, estes dois tipos de seguradoras tiveram uma queda no volume de prêmio total em 1996. As companhias estrangeiras foram as que tiveram o maior aumento no volume de prêmios em 1996 em relação a 1995, quase 39%, sugerindo que estas abocanharam uma fatia do mercado de automóveis das independentes e das vinculadas a bancos.

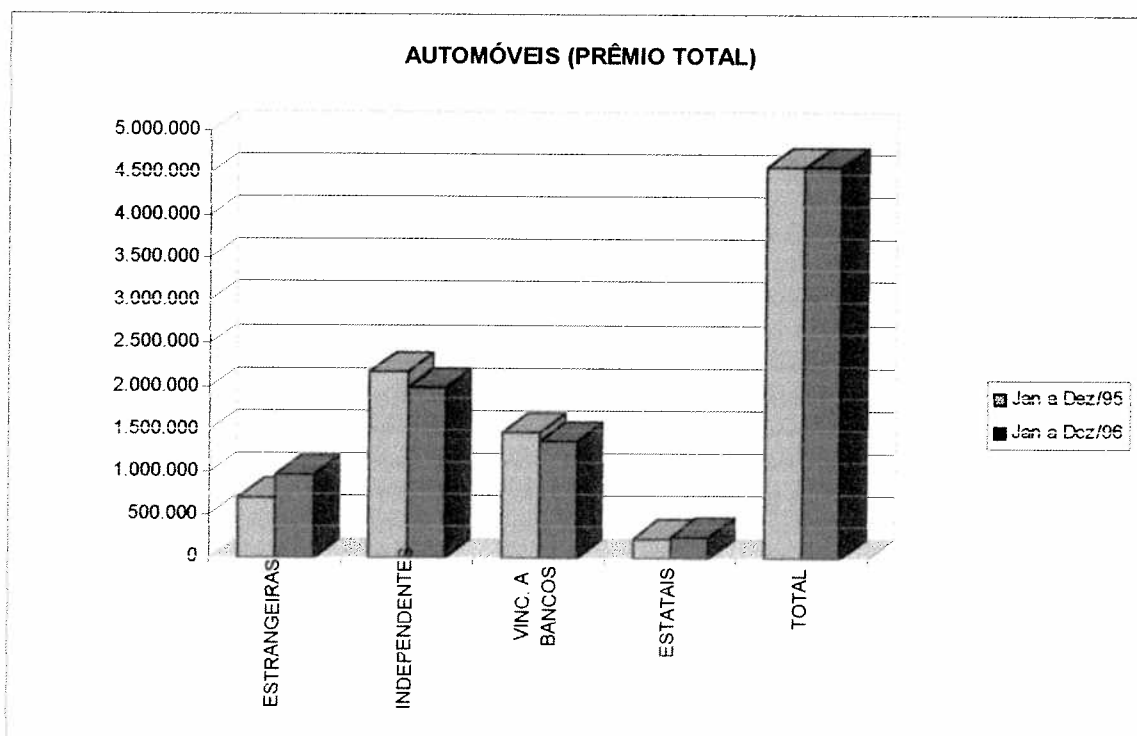
AUTOMÓVEIS- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	707.154	15,46%	979.164	21,32%	38,47%
INDEPENDENTES	2.169.924	47,43%	1.999.706	43,54%	-7,84%
VINC. A BANCOS	1.476.385	32,27%	1.366.841	29,76%	-7,42%
ESTATAIS	221.295	4,84%	247.226	5,38%	11,72%
TOTAL	4.574.758	100,00%	4.592.937	100,00%	0,40%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



Quanto ao ramo de Vida, são as seguradoras vinculadas a bancos que detêm a maior parcela do mercado, cerca de 44% em 1996, como mostra a tabela abaixo, seguindo as independentes. As companhias estrangeiras foram as que apresentaram maior crescimento no volume de prêmios totais em 1996 em relação a 1995, 77%, aumentando a sua representatividade no setor. Uma evolução proporcionalmente maior do que o aumento do setor de Vida total, que foi de 28%. Enquanto isto, as independentes e as vinculadas a bancos, perderam representatividade no setor. O setor de Vida é um dos que mais tem atraído as companhias estrangeiras a atuarem.

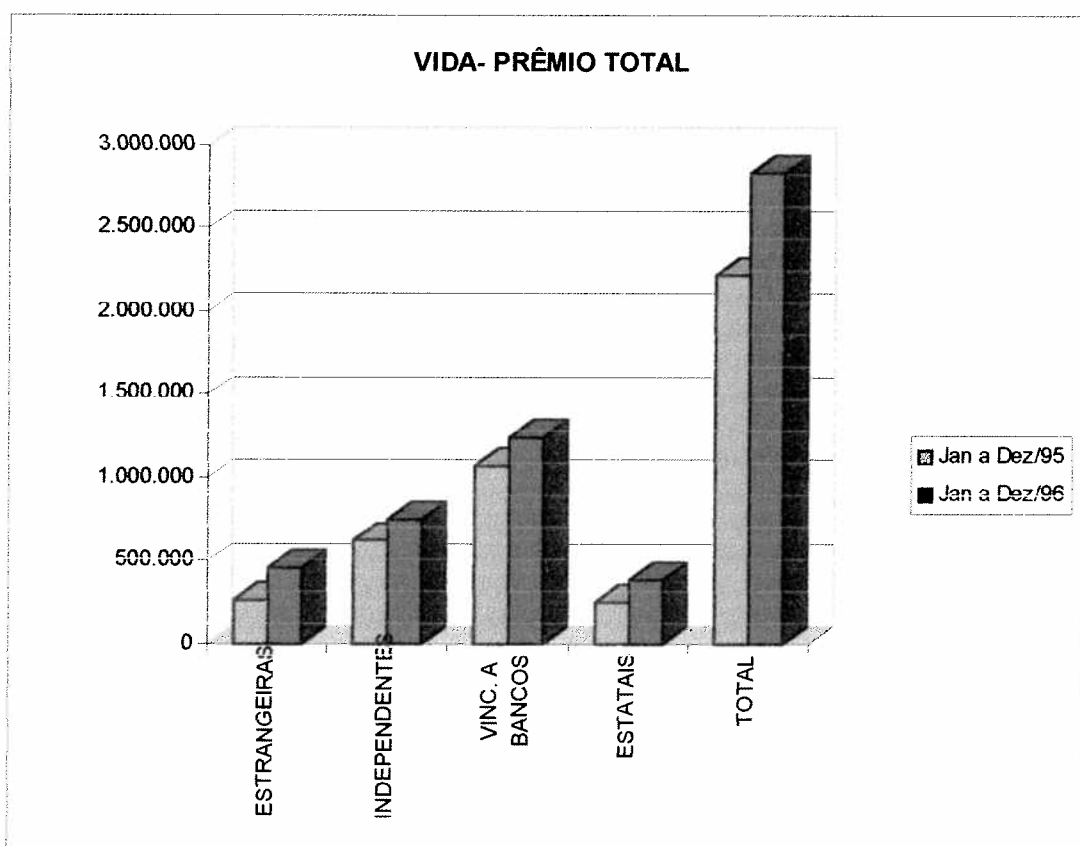
VIDA- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	261.147	11,81%	462.186	16,33%	76,98%
INDEPENDENTES	621.227	28,08%	746.315	26,37%	20,14%
VINC. A BANCOS	1.075.630	48,63%	1.235.863	43,67%	14,90%
ESTATAIS	254.061	11,49%	385.835	13,63%	51,87%
TOTAL	2.212.065	100,00%	2.830.199	100,00%	27,94%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



O ramo de Saúde é predominado pelas companhias independentes, que detinham em 1996 quase 60% do mercado total em volume de prêmios totais. Vale ressaltar que muitas associações de medicina de grupo estão se transformando em seguradoras. Pela tabela abaixo, vemos que as seguradoras estrangeiras ainda detêm uma fatia pequena no volume de prêmios totais neste setor, de apenas 4,7% em 1996. Entretanto, a tendência é aumentar a participação. Em 1996 foram as estrangeiras que tiveram a maior evolução do prêmio total em relação a 1995, de quase 68%, valor acima do crescimento do mercado inteiro neste ramo.

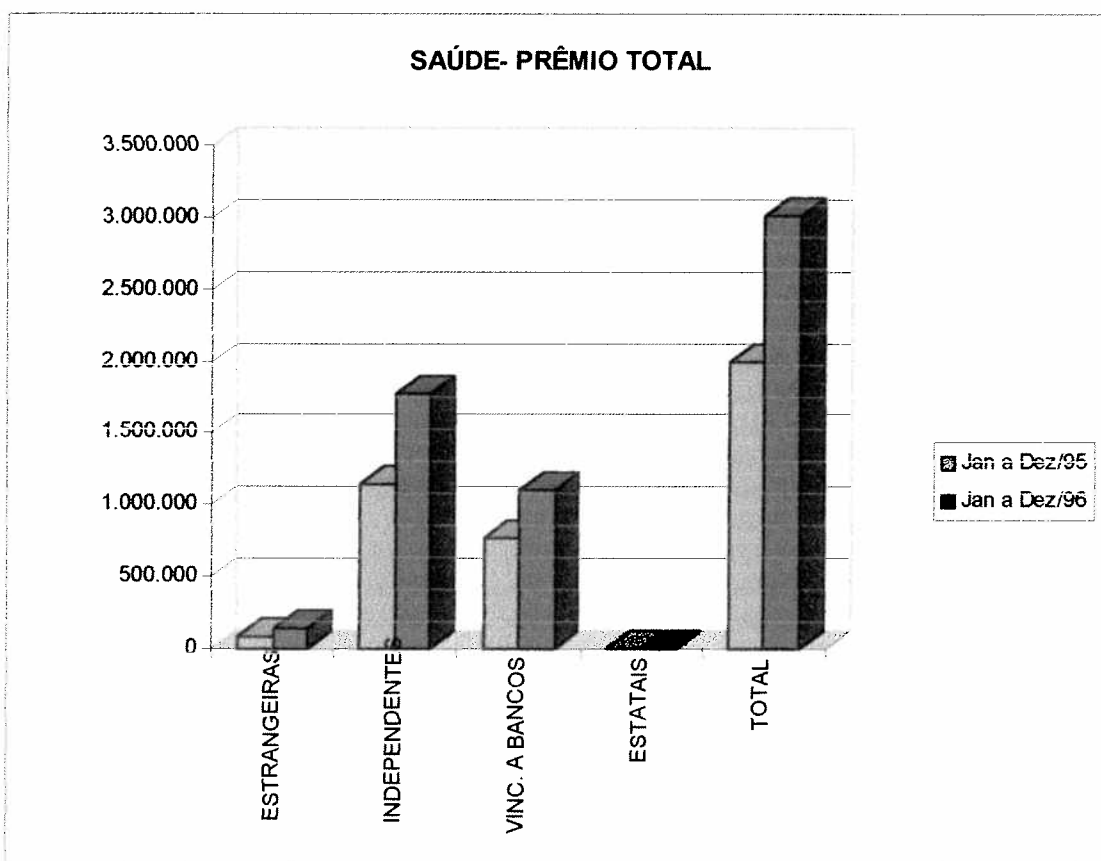
SAÚDE- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	84.133	4,22%	140.953	4,67%	67,54%
INDEPENDENTES	1.141.876	57,31%	1.777.189	58,87%	55,64%
VINC. A BANCOS	766.569	38,47%	1.100.217	36,45%	43,52%
ESTATAIS	0	0,00%	292	0,01%	
TOTAL	1.992.578	100,00%	3.018.651	100,00%	51,49%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



O setor de Riscos Diversos é predominado pelas seguradoras vinculadas a bancos, que detinha cerca de 64% do mercado total do ramo em prêmio total no ano de 1996, como mostra a tabela abaixo. Depois vem as companhias vinculadas ao capital estrangeiro, que em 1996 detinham uma fatia de aproximadamente 19%. Isto pode ser explicado pelo fato de que as empresas preferem fazer este tipo de seguro com bancos ou com seguradoras estrangeiras, pois os riscos, geralmente, envolvem cifras muito altas no caso de indenização. Pode-se notar que as seguradoras independentes tiveram uma queda de quase 34% no volume de prêmio total neste ramo em 1996 em relação a 1995. Isto pode estar ligado ao fato do aumento da atuação das estrangeiras neste ramo, qu obteve um crescimento na arrecadação de prêmios totais em 1996 de quase 17%.

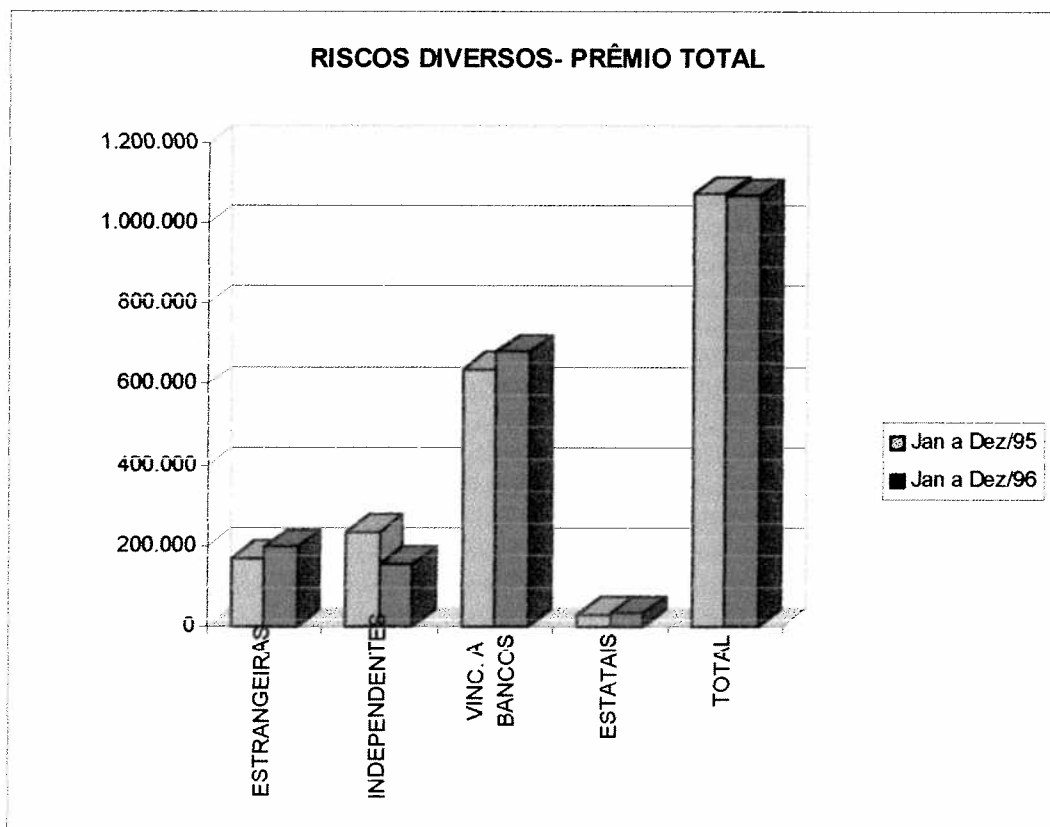
RISCOS DIVERSOS- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	169.920	15,86%	198.670	18,61%	16,92%
INDEPENDENTES	233.896	21,83%	154.993	14,52%	-33,73%
VINC. A BANCOS	636.304	59,39%	679.665	63,66%	6,81%
ESTATAIS	31.212	2,91%	34.404	3,22%	10,23%
TOTAL	1.071.332	100,00%	1.067.732	100,00%	-0,34%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



As seguradoras vinculadas a bancos e ao capital estrangeiro que detêm a maior participação em prêmio total no mercado total do ramo Incêndio, 36% e 33% respectivamente em 1996. Pode-se observar um crescimento extraordinário por parte das estrangeiras no prêmio total em 1996 na tabela abaixo, de quase 82%, valor proporcionalmente muito maior do que a evolução de todos os tipos de seguradoras juntas no setor, que foi de cerca de 38% no ano de 1996 em relação a 1995.

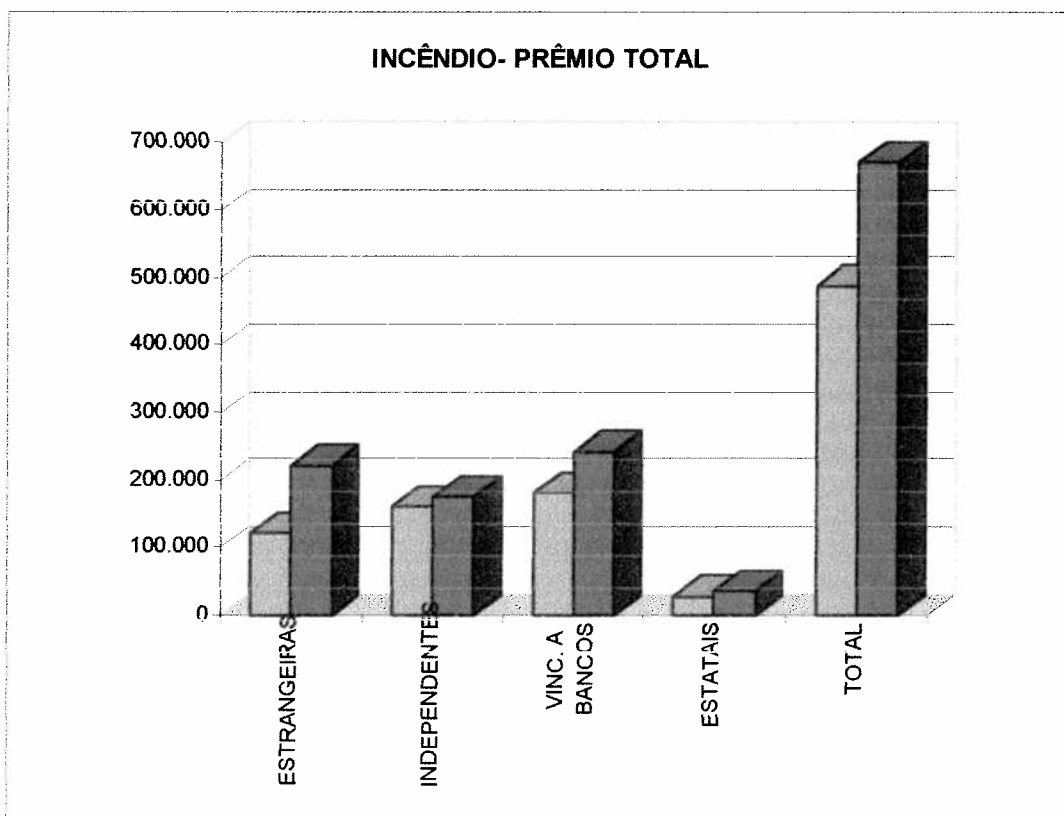
INCÊNDIO- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	121.490	24,89%	220.800	32,87%	81,74%
INDEPENDENTES	159.539	32,68%	174.052	25,91%	9,10%
VINC. A BANCOS	179.821	36,84%	242.109	36,04%	34,64%
ESTATAIS	27.308	5,59%	34.754	5,17%	27,27%
TOTAL	488.158	100,00%	671.715	100,00%	37,60%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



No ramo de Acidentes Pessoais, as seguradoras vinculadas a bancos e as independentes são as que ficam com a maior representatividade do prêmio total no mercado, com aproximadamente 40% e 33% respectivamente em 1996. As estrangeiras detêm uma parcela pequena de quase 10%. As independentes foram as que apresentaram maior crescimento de prêmio em 1996 em relação a 1995, de 17%, como pode ser visto na tabela abaixo.

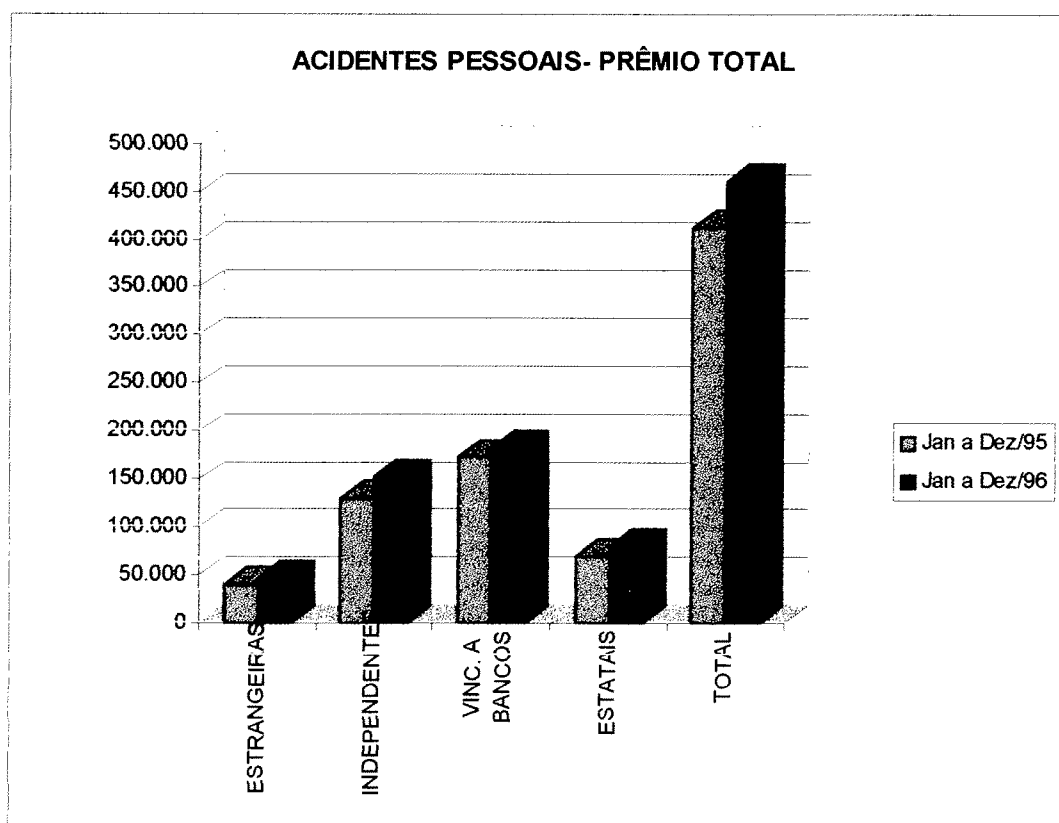
ACIDENTES PESSOAIS- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	40.636	9,85%	45.841	9,97%	12,81%
INDEPENDENTES	130.051	31,54%	152.201	33,09%	17,03%
VINC. A BANCOS	172.649	41,87%	182.238	39,62%	5,55%
ESTATAIS	69.009	16,74%	79.652	17,32%	15,42%
TOTAL	412.345	100,00%	459.932	100,00%	11,54%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



Quanto ao ramo de Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores de Via Terrestre (DPVAT), as companhias vinculadas a bancos são as que detem o maior volume de prêmios totais, com uma parcela de quase 48%, e foram as que mais evoluíram em 1996 em relação a 1995, quase 36%. Vale notar, pelo quadro abaixo, que as seguradoras estrangeiras cresceram bem mais que as independentes em 1996 neste ramo.

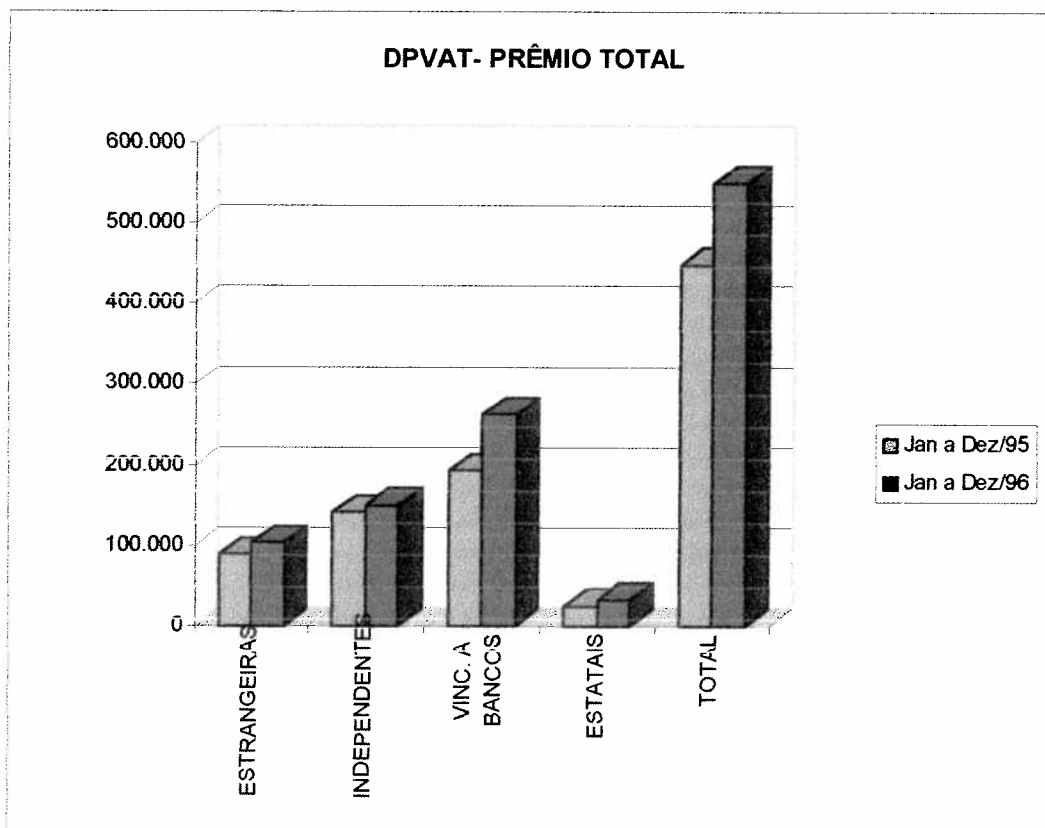
DPVAT- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	88.837	19,81%	103.239	18,80%	16,21%
INDEPENDENTES	141.048	31,45%	150.250	27,36%	6,52%
VINC. A BANCOS	193.652	43,19%	263.179	47,93%	35,90%
ESTATAIS	24.877	5,55%	32.466	5,91%	30,51%
TOTAL	448.414	100,00%	549.134	100,00%	22,46%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



O ramo de Habitação é detido em maior parte pelas companhias seguradoras estatais, seguidas pelas vinculadas a bancos. Estas detinham 36% de parcela no setor,

como diz a tabela abaixo. As companhias estrangeiras, apesar de terem uma representatividade baixa no setor, foram as que apresentaram a maior evolução no prêmio total em 1996 em relação a 1995, de quase 73%. Elas estão aumentando a sua representatividade no setor.

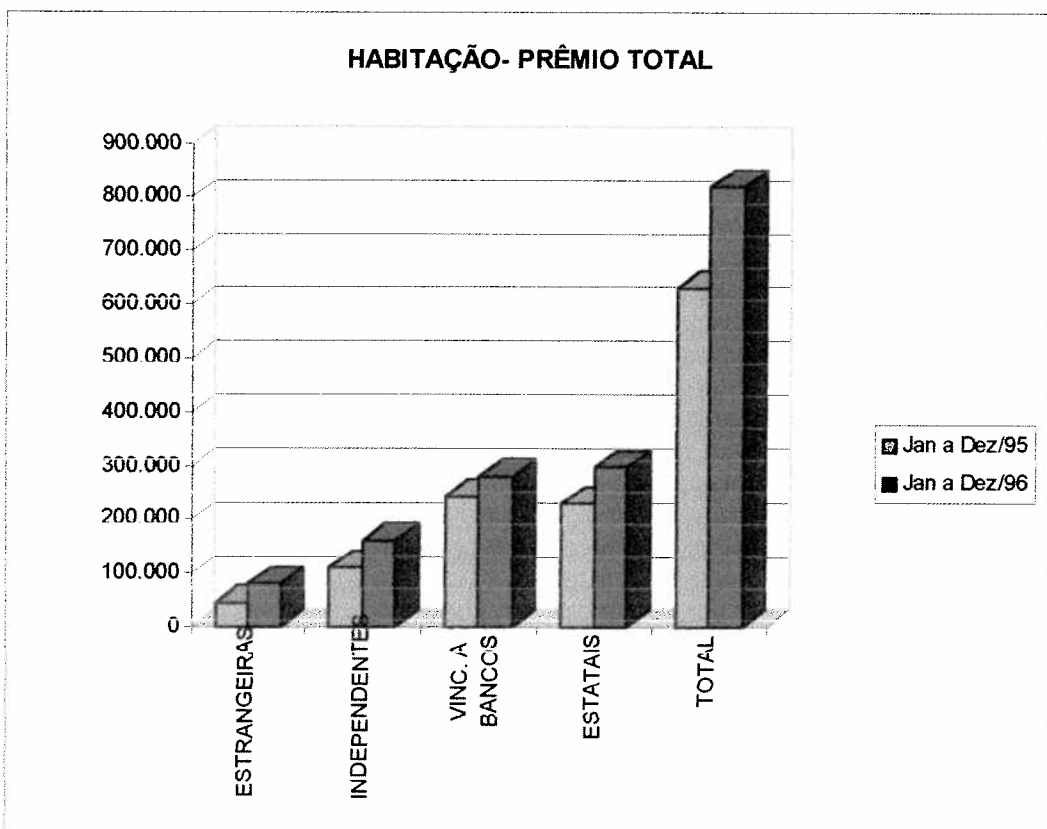
HABITAÇÃO- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	46.533	7,39%	80.459	9,82%	72,91%
INDEPENDENTES	110.032	17,47%	162.110	19,78%	47,33%
VINC. A BANCOS	242.551	38,51%	280.852	34,26%	15,79%
ESTATAIS	230.719	36,63%	296.326	36,15%	28,44%
TOTAL	629.835	100,00%	819.747	100,00%	30,15%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



As seguradoras estrangeiras são as que detêm a maior parcela no ramo de Transportes, apresentando em 1996 47% do total do mercado no volume de prêmio total. Vale notar a forte queda do prêmio total das seguradoras independentes em 1996, de cerca de 34%, e a alta das estatais neste setor, de aproximadamente 74%.

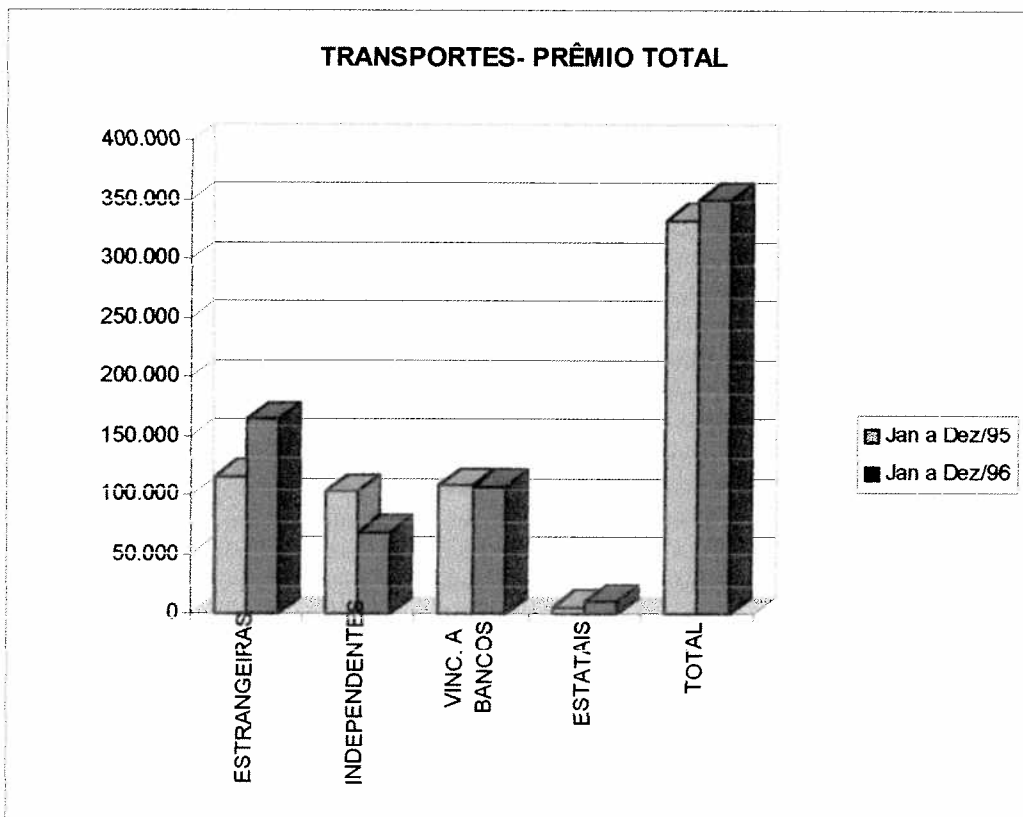
TRANSPORTES- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	115.939	34,79%	164.611	47,03%	41,98%
INDEPENDENTES	103.831	31,15%	68.295	19,51%	-34,22%
VINC. A BANCOS	107.952	32,39%	107.404	30,68%	-0,51%
ESTATAIS	5.577	1,67%	9.713	2,77%	74,16%
TOTAL	333.299	100,00%	350.023	100,00%	5,02%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



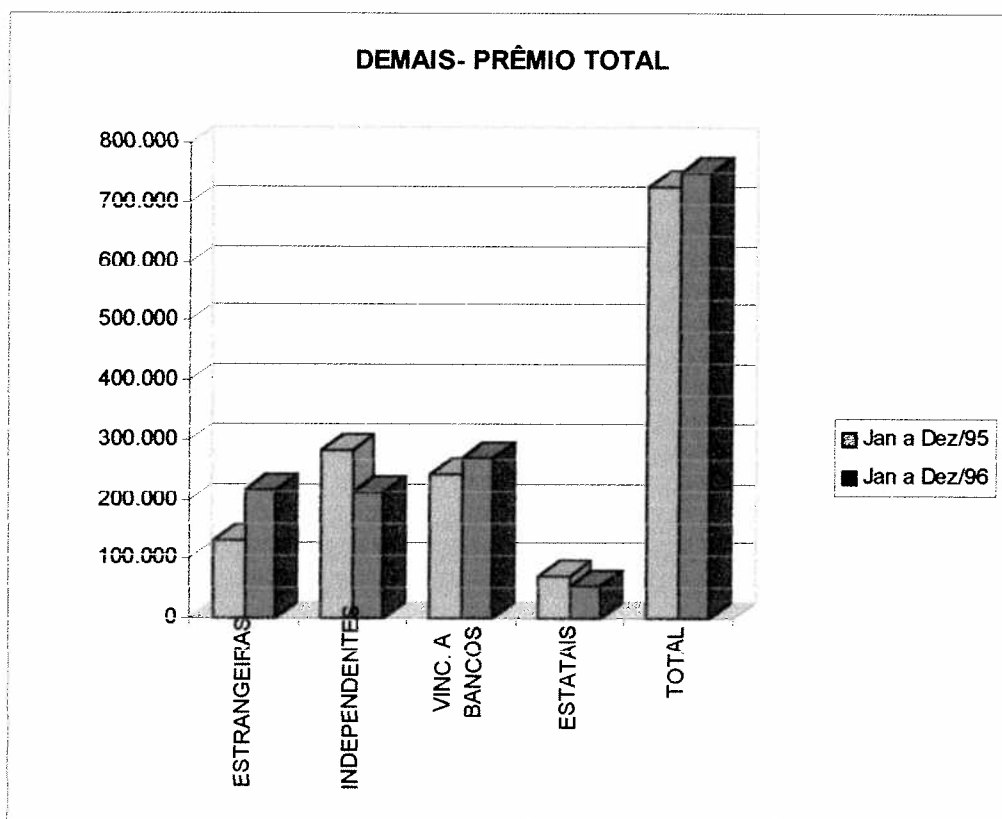
DEMAIS- Prêmio Total (valores em R\$ mil)

EMPRESAS	Jan a Dez/95	%	Jan a Dez/96	%	a.a.%
ESTRANGEIRAS	132.676	18,27%	215.796	28,75%	62,65%
INDEPENDENTES	282.752	38,94%	212.163	28,26%	-24,96%
VINC. A BANCOS	240.921	33,18%	267.680	35,66%	11,11%
ESTATAIS	69.849	9,62%	55.046	7,33%	-21,19%
TOTAL	726.198	100,00%	750.685	100,00%	3,37%

Fonte: Susep

%- representatividade de cada empresa em relação ao setor

a.a.%- evolução do prêmio total do ano de 1996 em relação a 1995



Através desta análise feita com os tipos de seguradoras, podemos tirar algumas conclusões sobre as empresas estrangeiras. Elas estão encontrando um ambiente favorável, aumentando a sua representatividade no mercado segurador brasileiro. Aliás foram essas seguradoras que mais evoluíram no volume de prêmios totais, no ano de 1996.

Entre os ramos mais bem sucedidos das companhias vinculadas ao capital estrangeiro, podemos destacar o de Automóveis. Enquanto que em 1996 várias

seguradoras viram seu volume de prêmios declinarem, essas apresentaram um crescimento acelerado. Outro setor que merece comentário é o de Vida, que de 1995 para 1996 quase dobrou o seu volume de prêmios totais.

Para resumir, podemos dizer que em quase todos os ramos, foram as seguradoras estrangeiras que apresentaram o maior crescimento na quantidade de prêmios em 1996. Somente perdeu no ramo de Acidentes Pessoais, no de DPVAT e no de Transportes, mas assim mesmo por poucos números percentuais.

Enquanto isso, as seguradoras independentes e as vinculadas a bancos vem perdendo um pouco de representatividade no mercado total. Talvez a tendência é que percam mais ainda nos próximos dois anos, em decorrência das novas fusões e aquisições envolvendo o capital estrangeiro que ainda estão para acontecer. Os ramos que se destacam pela perda de parcela de mercado são o de Automóveis, Vida, Incêndio e Transportes. Vale ressaltar a alta queda do ramo de Riscos Diversos, no caso das independentes.

Já as seguradoras de capital estatal detêm uma pequena fatia do mercado total. Em quase todos os ramos apresentou um aumento no volume de prêmios totais ou pelo menos se manteve. Mesmo não sendo observado uma queda na representatividade em 1996, é possível que nos próximos anos a percentagem caia. Isto devido a quebra de instituições estatais e a política de privatizações que vem sendo adotada pelo governo.

IV- CONCLUSÕES E TENDÊNCIAS

A entrada de capital estrangeiro e a estabilidade econômica estão sendo responsável pelo crescimento acelerado do mercado segurador brasileiro nos últimos anos. Isto foi uma demonstração da demanda reprimida que havia neste setor da economia. O mercado, que está passando por um processo de transformação, poderá crescer muito mais, principalmente com o acoplamento de outras carteiras que hoje estão com o governo e que serão privatizadas. Segundo especialistas, este crescimento acelerado ainda deverá durar mais alguns anos, chegando a movimentar cerca de 35 bilhões de dólares no ano 2000.

Todo o mercado segurador espera ansiosamente pelo fim do monopólio estatal detido pelo IRB na área de resseguros e sua abertura comercial. Mas o afastamento do governo só acontecerá gradualmente, como foi apresentado no plano aprovado em maio de 1997 pelo Ministro da Fazenda, Pedro Malan. Isto porque o IRB precisa de tempo para que se torne uma instituição competitiva. Há um grande receio, por parte do governo, de que o fim do monopólio provoque uma saída de divisas do país.

Entretanto, a plena operação do resseguro no Brasil não depende apenas da regulamentação da quebra do monopólio do IRB, mas também de mudanças na legislação e do fim do controle cambial pelo Estado. Isto porque o resseguro é uma atividade internacional e, logo, depende de liberdade cambial para pleno funcionamento. É preciso que o governo dê meios para a operacionalização da atividade.

Provavelmente, quando ocorrer a quebra do monopólio, o Brasil continuará sendo um polo de atração para investimentos estrangeiros, e, logo, não cessando a tendência de crescimento da indústria nacional de seguros. É claro que outros fatores também podem contribuir para o desenvolvimento do setor, como por exemplo uma melhor distribuição de renda.

Outro ponto aguardado pelo mercado de seguros é a quebra do monopólio estatal do seguro de acidente de trabalho. Com a privatização o acidentado poderia ter um atendimento melhor do que tem hoje. Além disso, isso traria um grande potencial de negócios para o Brasil e atrairia, ainda mais, investimentos estrangeiros.

A estrutura do mercado segurador brasileiro também promete ser influenciado pelas negociações no âmbito do Mercosul e pela Organização Mundial do Comércio (OMC), que visam a integração dos mercados regional e global. O Brasil tem um compromisso assumido com a OMC, o qual é previsto que, em 1998, sejam declarados os princípios da abertura do mercado brasileiro de resseguros.

Além disso, na discussão entre os países do Mercosul, a abertura do mercado de serviços, que inclui o mercado de seguros, é um ponto bastante defendido. Os argentinos estão pressionando o Brasil para que abra rapidamente o seu mercado de serviços. Porém, essa abertura só deverá acontecer quando o governo brasileiro conseguir reformar a estrutura do Estado, incluindo a regulamentação do Art. 192 da Constituição.

Existe ainda um projeto, patrocinado pela Fenaseg e pela Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), que visa à criação do primeiro Centro Internacional de Resseguros da América do Sul. O objetivo é centralizar no Rio de Janeiro toda a atividade resseguradora do Mercosul, tornando o Brasil uma espécie de Zona Franca para a negociação de resseguro e, com isso, atrairia as seguradoras “cativas”.⁵⁰

⁵⁰ Jornal “Gazeta Mercantil”, (2 de junho de 1997).

Espera-se também a regulamentação do Art. 192 da Constituição, que deverá ocorrer no segundo semestre de 1997, na forma do Conselho Financeiro Nacional (CFN), proposto no projeto de lei complementar nº 47. A aprovação do CFN é tida como certa.

O mercado brasileiro está sendo muito estudado pelas seguradoras internacionais. O ano de 1997 deverá ser muito importante, pois consolida o processo de estabilização monetária, que é de vital importância para o crescimento do setor. Espera-se um aumento da participação das empresas estrangeiras no mercado segurador brasileiro nos próximos anos, através de novas fusões e aquisições.

O que se tem reparado é um interesse maior, por parte das estrangeiras, em companhias de grande porte. A maioria das parcerias ocorridas nos últimos tempos envolveram grandes seguradoras. Com isso, as nacionais de menor tamanho estão se juntando com outras, para aumentarem a sua competitividade no mercado e conseguirem sobreviver neste novo ambiente. Conseqüentemente, é provável que haja um aumento ainda maior da concentração em torno das grandes companhias.

Dentre as parcerias que vem ocorrendo entre as companhias, a do tipo “bankassurance” começa a ganhar força no Brasil, que já é uma tendência mundial. Este processo consiste na conjugação das atividades bancárias e de seguros. Este é o caso recente da associação do banco Excel Econômico com a norte-americana Cigna-Seguradora e do banco Sudameris com a Generali.

Com o aumento da concorrência, está ocorrendo uma maior preocupação das seguradoras brasileiras em agradarem seus clientes, e com isso um aumento na qualidade de prestação de serviços. É de se esperar que elas não se acomodem diante do quadro atual, em que há lucratividade, mas ainda pouco investimento na manutenção de clientes e no treinamento do pessoal. De um modo geral, a população considera o seguro muito caro e o atendimento muito ruim, e o recebimento da indenização, em caso de sinistro, muito demorado e complicado.

Os grandes desafios para as seguradoras são o desenvolvimento da qualidade de serviços conforme as necessidades do mercado, um atendimento personalizado, criando produtos mais adequados a cada caso específico e uma resposta mais rápida na ocorrência de sinistros. E os corretores devem estar mais disponíveis para os consumidores, aprimorando permanentemente o gerenciamento de problemas e reclamações.

Para vencer estes desafios, as seguradoras estão investindo no aperfeiçoamento dos serviços e produtos oferecidos ao consumidores, no treinamento do pessoal, na estruturação das carteiras, e também expandindo o canal de distribuição. O investimento em tecnologia é uma ferramenta que vem sendo bastante importante para as seguradoras e que propicia um atendimento mais ágil ao segurado.

As principais carteiras que mais têm crescido são a de Vida e a de Saúde e que prometem um aumento ainda muito maior. O novo cenário da economia brasileira está incentivando os sindicatos e os trabalhadores a reivindicarem mais benefícios, já que as reposições salariais agora são bastante baixas.

O Seguro- Saúde desperta um grande interesse da população brasileira, que gostaria de ter acesso a serviços de saúde de qualidade, além daqueles fornecidos pelo sistema público. Além disso, as seguradoras estão iniciando uma briga pela conquista de clientes de baixa renda nesta carteira. Estão lançando produtos de preço mais atraente para atingir uma classe que emergiu após o Plano Real. Para isso, estão montando uma rede de atendimento mais restrita e de custo inferior.⁵¹

A grande expectativa no crescimento nos ramos de Vida e Previdência Privada é devido ao maior interesse da população por investimentos de longo prazo e a modernização dos planos de aposentadoria complementar, propiciado pela estabilização econômica. Soma-se a isso o investimento das empresas em novos lançamentos nesses setores.

⁵¹ Jornal, "Gazeta Mercantil", (27 de maio de 1997), pág. B-8.

O ramo de Automóveis, apesar de ter perdido uma parcela na participação do mercado total, ainda tem muito o que crescer, devido principalmente ao aumento do poder aquisitivo da população brasileira.

Portanto, podemos concluir que a indústria de seguros no Brasil, assim como qualquer outro setor da economia, só vai crescer e desenvolver se conseguir se adaptar a nova ordem política, econômica e social marcada pela globalização. Para atuar no novo cenário competitivo, é preciso que aconteça algumas mudanças na legislação e reestruturações nas companhias seguradoras.

TABELA 1

ESTRANGEIRAS- PRÊMIO TOTAL
valores em R\$ mil - 1995

Cia/Grupo	AUTO	VIDA	SAUDE	RD	INC	AP	DPVAT	HABIT	TRANS	DEMAIS	TOTAL
AGF BRASIL SEGUROS S.A.	69.089	49.024	12.291	35.463	31.263	3.808	8.722	1.512	15.816	33.935	260.923
ALLIANZ-ULTRAMAR CIA BRAS SEGUROS	100.147	557		9.730	4.629	13	4.755	2.125	4.520	7.034	133.510
AMERICA LATINA CIA DE SEGUROS	26.902	8.887		9.252	3.885	1.018	1.982		9.718	7.847	69.491
AMERICAN HOME ASSURANCE COMPANY	31			12	38		2.665		3.091	164	6.001
BALOISE-ATLANTICA CIA BRAS SEGUROS	35.422	3		5.364	883	2	3.733		864	580	46.851
CHUBB DO BRASIL- CIA DE SEGUROS	2.360	15.789	1.840	3.210	3.515	8.145	2.759	18	6.899	3.001	47.536
CIA DE SEGUROS AMERICA DO SUL YASUDA	67.792			10.756	14.402	3.845	3.141	20	17.167	13.350	130.473
CIA DE SEGUROS MONARCA (3)	11.848	10		209	1.256	2.434	3.386		206	364	19.713
CIGNA SEGURADORA S/A	3.190	10.946	15.333	1.528	2.639	673	3.299		7.601	1.741	46.950
COMMERCIAL UNION DO BRASIL SEG S/A	2.516	58		1.516	231	96	931		562	199	6.109
COMPANHIA UNITED DE SEGUROS	37	165		261	608	3	1.015		154	686	2.929
CONCORDIA CIA DE SEGUROS	8.385			3.403	599	792	3.106		2.967	2.448	21.700
GENERAL ACCIDENT CIA DE SEGUROS	47.231	11.546	1.297	17.445	3.018	2.331	6.842		8.483	8.908	107.101
GENERALI DO BRASIL CIA NACIONAL DE SEGS	20.979	12.866	15.912	12.011	4.661	1.285	3.905	12	6.051	8.520	86.202
GERLING SUL AMÉRICA S/A SEGS INDUSTRIAIS	1.005			182	7.371	3	3.194	1.305	602	1.379	15.041
HANNOVER PAULISTA SEGUROS S/A	16.184	167		2.287	4.714	18	0		2.145	6.755	32.270
INTERAMERICANA CIA DE SEGUROS GERAIS	72.698	10.128	33.380	3.807	6.857	4.528	4.212		4.951	7.955	148.516
ITAU WINTERTHUR SEGURADORA S/A	1.678			548	3.791	30	1.605	189	2.978	961	11.780
KYOEI DO BRASIL CIA DE SEGUROS		4.297		0	0	89	1.437		12	965	6.800
MOTOR UNION SEGUROS S/A	25.295	562		9.289	1.009	660	6.088		2.891	5.642	51.436
PARANA CIA DE SEGUROS	2.122	1.746	0	839	695	278	5.988		2.292	2.282	16.242
PRUDENTIAL- ATLANTICA CIA BRAS DE SEGURO	87.460			8.723	1.201	0	3.950		389	1.526	103.249
SEGURADORA BRASILEIRO-IRAQUIANA S/A		34.794		4.720	1.097	3.157	2.889	157	1.849	3.536	53.151
SUN ALLIANCE SEGURADORA S/A	952			966	2.174	269	3.259		648	402	14.156
UAP SEGUROS BRASIL S/A	30.686	13.454	2.534	2.066	7.289	4.106	3.094		2.431	4.539	70.199
VERA CRUZ SEGURADORA S/A	61.762	83.274	1.546	25.739	6.564	1.788	1.487	41.195	4.803	5.647	233.805
VERA CRUZ SEGURADORA VIDA E PREVID S/A (2)											
ZURICH ANGLO SEGURADORA S/A	4.945	2.874		594	7.101	1.265	1.393		5.849	2.310	26.331
Total dos Valores Apresentados	707.154	261.147	84.133	169.920	121.490	40.636	88.837	46.533	115.939	132.676	1.768.465
Mix de Carteira	39,99%	14,77%	4,76%	9,61%	6,87%	2,30%	5,02%	2,63%	6,56%	7,50%	100,00%

TABELA 2

INDEPENDENTES- PRÊMIO TOTAL
 valores em R\$ mil - 1995

Cia/Grupo	AUTO	VIDA	SAUDE	RD	INC	AP	DPVAT	HABIT	TRANS	DEMAIS	TOTAL
AMIL SEGURADORA S/A		2.822									2.822
AUREA SEGUROS S/A		565		0	0	0	1.241		0	172	1.413
BLUE LIFE SEGURADORA S/A		3.333			0	57	1.104			0	565
CAIXAGERAL S/A-SEGURADORA		8.033	520	3.543	4.861	422	1.322		10.379	12.110	4.494
CIA DE SEGUROS DA BAHIA	(2.147)	24.509	9.457	7.443	843	13.731	2.139	8.331	529	1.080	39.043
CIA DE SEGUROS GRALHA AZUL	58.922	1.385		5.519	2.412	180	3.627		1.026	2.343	126.984
CIA DE SEGUROS INTER- ATLANTICO	4.593	12.603		29	479	6.815	1.041		40	188	21.085
CIA DE SEGUROS PREVIDENCIA DO SUL	1.472	188		38	780	23	3.179	8	353	19.437	22.667
CIA DE SEGUROS SUL AMERICANA INDUSTRIAL	2.269	12		2	604	5	2.810		17	61	26.275
CIA EXCELSIOR DE SEGUROS (3)	246										3.757
CIA GERAL DE SEGUROS (1)											
CIA PAULISTA DE SEGUROS	181.388	46.669	374	55.803	9.970	259	7.613		22.766	54.160	379.002
CIA REAL BRASILEIRA DE SEGUROS	61.518	26.323		10.784	5.081	10.407	5.205	7.130	1.530	5.145	133.123
CONAPP CIA NACIONAL DE SEGUROS	535	249		33	72	2.060	13		(1)	12	2.973
COPLAVEN SEGUROS S.A. (3)	4.580	44		14	14	28	1.037		0	24	5.741
EDEL SEGURADORA S.A.	36.888	2.579		2.735	76	429	5.409		141	348	48.605
EMPRESARIAL DE SEGUROS CIA SEGURADORA (1)											
FEDERAL DE SEGUROS S/A		23.176		126	29	3.575	2.955		69	199	30.129
FIDUCIA CIA DE SEGUROS GERAIS							2.788				2.788
GBOEX-CONFIANCA CIA DE SEGUROS	1.807	4.069		508	320	6.937	30		58	140	13.869
GENTE SEGURADORA S/A	3.867	204		771	674	72	2.817		571	906	9.882
GNPP-PROVIDA SEGURADORA S/A (3)	12.576	13.301	63	440	91	199	834	5.626	147	577	33.854
GNPP SEGURADORA S/A (3)	10.766	168		700	289	220	1.357		1.192	680	15.372
GOLDEN CROSS SEGURADORA S/A		2.067	334.955	576	90	3			31	95	337.817
HABITASUL SEGURADORA S/A		369									369
INDIANA CIA DE SEGUROS GERAIS	67.111	9.701		7.391	5.089	1.359	3.479	367	2.298	5.801	102.596
ITACOLOMI CIA SEGUROS		1.371				6					1.377
ITATAIA SEGUROS S/A	36.039	7.586		2.914	4.023	2.150	3.874	8.370	1.888	1.118	67.962
MARITIMA CIA DE SEGUROS GERAIS	173.141	29.371	65.959	18.394	15.049	4.716	3.033		4.112	4.753	318.528
MARTINELLI MONAVAL-SEGURADORA S/A	797	410	1.142	647	102	1.307	2.777		28	397	7.607
MAXMED SEGURADORA S/A		659									659
MIBM SEGURADORA S/A		3.976		1	43	2.864				3	6.887
MONBRAS SEGURADORA S/A (1)											
MONTEJUS PREV. E SEGUROS S.A. (1)											
NOTRE DAME SEGURADORA S/A		1.471	9.259	4.690	27.617	9.437	6.278		0	2	10.732
NOVO HAMBURGO CIA DE SEGUROS GERAIS	113.222	11.964		21	5	5	2.653		4.106	4.587	181.901
PANAMERICANA DE SEGUROS S/A		499							30	14	3.227
PORTO SEGURO CIA DE SEGUROS GERAIS	555.942	31.477	59.051	36.310	7.543	8.744	12.121	84	7.683	27.625	746.580
PORTO VIDA SEGUROS DE PESSOAS S/A (2)											

TABELA 3

BANCOS- PRÊMIO TOTAL
 valores em R\$ mil - 1995

Cia/Grupo	AUTO	VIDA	SAUDE	RD	INC	AP	DPVAT	HABIT	TRANS	DEMAIS	TOTAL
BAMERINDUS CIA DE SEGUROS	299.026	142.717	87.743	64.722	36.978	58.020	37.205	9.068	16.470	39.890	791.839
BANCRED SEGURADORA S.A. (1)											
BANORTE SEGURADORA S/A	66.856	6.472	2.410	3.574	4.275	1.436	3.785	2.774	642	2.152	94.376
BCN SEGURADORA S/A	294	9.685		36.457	1.705	4.570	3.172	3.277	1.741	1.570	62.471
BOZANO SIMONSEN SEGURADORA S/A		215				0	4.106				4.321
BRADESCO PREVIDENCIA E SEGUROS S/A (2)											2.611
BRADESCO SEGUROS S/A	413.255	230.592	576.116	20.276	26.928	814	48.193	101.245	31.410	22.975	1.471.804
CENTAURIO SEGURADORA S.A.		562	1.321			154					2.037
CIA DE SEGS MAR TER PHENIX DE P. ALEGRE	26.331	13.327		2.576	7.425	3.598	4.196	15.299	1.553	11.444	85.749
CIA DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA	6.063	31.210	56	13.554	9.245	8.528	10.522	14.697	5.645	13.688	113.208
CIA DE SEGUROS MINAS-BRASIL	82.407	130.539	2.585	20.271	4.721	4.745	5.988	25.478	7.426	5.420	289.580
FINASA SEGURADORA S/A	53.962	15.197		4.964	5.174	1.620	5.046	1.791	2.417	3.240	93.411
GERAL DO COMERCIO SEGURADORA S/A	2.498	6.470		1.008	357	4	1.018		14	456	11.825
ICATU SEGUROS S/A	0	53.107	19		0	2.923	171	15.853			72.073
ITAU SEGUROS S/A	67.334	121.504	51.659	368.747	31.802	33.068	17.629	32.943	20.423	58.114	803.223
ITAUPREV SEGUROS S/A	(3)	113		1	4.401	16	2.798	134	957	106	8.523
J. MALUCELLI SEGURADORA S/A	10	649		53	17	10	2.661		1	524	3.925
MULTIPLIC SEGURADORA S/A	8.111	10.120	2.064	1.265	2.162	7	2.525	1.307	1.364	1.115	30.040
NOBRE SEGURADORA DO BRASIL S/A		4.978				256					5.234
NOROESTE SEGURADORA S/A	41.085	19.527	766	5.173	5.521	430	3.601	953	842	1.985	79.883
NACIONAL CIA DE SEGUROS	144.265	126.766	2.388	30.455	14.767	5.362	8.455	4.368	8.952	42.845	388.623
REAL PREVIDENCIA E SEGUROS	61.594	4.814		7.488	4.418	4.343	4.120	104	413	1.389	88.683
REAL SEGURADORA S/A	54.672	16.628		8.398	4.623	4.838	4.067	104	674	1.848	95.852
RURAL SEGURADORA S/A	11	7.758	4.991	11.876	645	3.357	4.434		1.027	12.362	46.461
SAFRA CIA DE SEGUROS (1)											
SAFRA SEGUROS	63	4.809	(36)	19.811	472	467	3.634		529	1.117	30.866
SANTOS SEGURADORA S/A	8.568	290	235	764	199	99	1.267	12.245	207	372	24.246
SDB CIA DE SEGUROS GERAIS	2.878	4.690		220	1.217	23	2	0	1.119	2.935	13.084
SEGURADORA AMERICA DO SUL S/A	2.388	18.639		422	319	402	1.296	19	195	106	23.786
SEGURADORA BMC S/A	(619)	1.228		1.122	376	246	1.135		763	2.453	6.704
SEGURADORA BRASILEIRA DE FIANÇAS S/A											7.324
SEGURANCA CIA DE SEGUROS E PREVIDENCIA	112.948	82.807	34.252	10.924	8.399	16.890	6.957	62	2.531	2.616	278.386
SUL AMERICA UNIBANCO SEGURADORA S/A	22.388	10.143		2.183	3.675	16.423	3.058	830	637	2.875	62.212
TREVO SEGURADORA S/A											
VANGUARDA COMPANHIA DE SEGUROS GERAIS (1)											
Total dos Valores Apresentados	1.476.385	1.075.630	766.569	636.304	179.821	172.649	193.652	242.551	107.952	240.921	5.092.434
Mix de Carteira	28,99%	21,12%	15,05%	12,50%	3,53%	3,39%	3,80%	4,76%	2,12%	4,73%	100,00%

TABELA 4

ESTATAIS- PRÊMIO TOTAL
valores em R\$ mil - 1995

Cia/Grupo	AUTO	VIDA	SAUDE	RD	INC	AP	DPVAT	HABIT	TRANS	DEMAIS	TOTAL
BANERJ SEGUROS S/A	66.411	26.660		3.536	4.739	22.849	3.807		761	11.283	140.046
BANESTES SEGUROS S/A	18.504	6.693		1.744	230	3.382	326	158	425	854	32.316
BEMGE SEGURADORA S/A	20.633	13.439		2.410	9	2.812	6.158	3.020	370	6.083	54.934
CIA DE SEGUROS DO EST DE SÃO PAULO	49.961	85.247		8.602	4.568	7.119	7.081	10.157	1.230	16.797	190.762
CIA UNIAO DE SEGUROS GERAIS	60.651	47.997		9.441	5.590	21.013	4.035	3.548	2.414	6.244	160.933
MERIDIONAL CIA DE SEGUROS GERAIS	3.013	30.408		1.126	10.376	2.819	1.275	816	280	87	50.200
SASSE CIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS	2.122	43.617		4.353	1.796	9.015	2.195	213.020	97	28.501	304.716
Total dos Valores Apresentados	221.295	254.061		31.212	27.308	69.009	24.877	230.719	5.577	69.849	933.907
Mix de Carteira	23,70%	27,20%	0,00%	3,34%	2,92%	7,39%	2,66%	24,70%	0,60%	7,48%	100,00%
TOTAL DE TODAS AS SEGURADORAS	4.574.758	2.212.065	1.992.578	1.071.332	488.158	412.345	448.414	629.835	333.299	726.198	12.888.982
MIX DE CARTEIRA	35,49%	17,17%	15,46%	8,31%	3,79%	3,20%	3,49%	4,89%	2,59%	5,63%	100,00%

TABELA 5

ESTRANGEIRAS- PRÊMIO TOTAL
valores em R\$ mil - 1996

Cia/Grupo	AUTO	VIDA	SAÚDE	RD	INC	AP	DPVAT	HABIT	TRANSP	DEMAIS	TOTAL
AGF BRASIL SEGUROS S.A.	114.601	85.213	34.017	30.677	51.284	5.203	10.497	1.854	20.682	42.177	396.205
ALLIANZ-ULTRAMAR CIA BRAS SEGUROS	54.141	619		9.893	6.462	5	5.924	552	5.809	9.153	92.558
AMERICA LATINA CIA DE SEGUROS	36.346	13.573		12.972	5.036	1.350	2.178		10.298	6.158	87.911
AMERICAN HOME ASSURANCE COMPANY	15			6	22		3.198		4.849	274	8.364
AMERICAN LIFE CIA DE SEGUROS		816									816
BALOISE-ATLANTICA CIA BRAS SEGUROS	14.562			4.350	879	0	4.543		701	706	25.741
CHUBB DO BRASIL- CIA DE SEGUROS	1.832	19.656	2.024	3.388	3.188	10.910	3.276	17	7.373	3.542	55.206
CIA DE SEGUROS AMERICA DO SUL YASUDA	75.048			3.091	24.569	3.739	3.850	421	27.402	14.258	152.378
CIA PAULISTA DE SEGUROS	265.154	72.279	422	62.878	15.328	3.292	9.381		22.887	70.837	522.458
CIGNA SEGURADORA S/A	(291)	2.930	5.701	2.128	5.110	680	3.855		7.259	1.616	28.988
COMMERCIAL UNION DO BRASIL SEG S/A (1)											
COMPANHIA UNITE DE SEGUROS	110	3.174		309	3.167	197	1.674		902	3.457	12.990
CONCORDIA CIA DE SEGUROS	21.729			3.144	2.599	914	4.034		3.514	2.919	38.853
GENERAL ACCIDENT CIA DE SEGUROS	53.207	15.290	20.345	14.759	10.793	3.148	2.924		9.890	9.100	139.456
GENERALI DO BRASIL CIA NACIONAL DE SEGS	59.195	23.387	32.033	6.939	16.394	2.291	5.373	554	6.603	10.631	163.400
GERLING SUL AMÉRICA S/A SEGS INDUSTRIAIS	3.031	0		95	4.899	4	3.730	1.844	664	1.957	16.214
HANNOVER PAULISTA SEGUROS S/A	27.265	825		1.947	11.375	76			5.683	6.552	53.723
ICATU SEGUROS S/A		64.979	167			3.917		30.778			99.841
INTERAMERICANA CIA DE SEGUROS GERAIS	76.290	9.211	41.796	5.440	16.273	4.761	5.026		6.367	11.392	176.556
ITAU WINTERTHUR SEGURADORA S/A	1.251			684	3.270	34	4.166	273	3.798	1.793	15.269
KYOEI DO BRASIL CIA DE SEGUROS		5.922			0	106	1.726		0	626	8.380
MOTOR UNION SEGUROS S/A	27.506	720		9.272	1.149	786	6.006		2.972	5.772	54.183
PARANA CIA DE SEGUROS	885	189		353	539	59	5.922		1.722	577	10.246
PRUDENTIAL- ATLANTICA CIA BRAS DE SEGURO	18.326			8.167	1.015	0	5.030		380	1.777	34.695
SUN ALLIANCE SEGURADORA S/A	7.865			145	3.879	511	3.324		690	588	17.002
UAP SEGUROS BRASIL S/A	31.828	24.635	3.502	1.074	7.608	1.825	3.610		2.469	1.822	78.373
VERA CRUZ SEGURADORA S/A	85.611	113.407	946	16.220	15.997	11	2.300	44.166	4.273	4.910	287.841
VERA CRUZ SEGURADORA VIDA E PREVID S/A (2)					0						0
ZURICH ANGLO SEGURADORA S/A	3.657	5.361		739	9.975	2.022	1.692		7.424	3.202	34.072
Total dos Valores Apresentados	979.164	462.186	140.953	198.670	220.800	45.841	103.239	80.459	164.611	215.796	2.611.719
Mix de Carteira	37,49%	17,70%	5,40%	7,61%	8,45%	1,76%	3,95%	3,08%	6,30%	8,26%	100,00%

TABELA 6

INDEPENDENTES- PRÊMIO TOTAL
valores em R\$ mil - 1996

Cia/Grupo	AUTO	VIDA	SAÚDE	RD	INC	AP	DPVAT	HABIT	TRANSP	DEMAIS	TOTAL
ADRESS SEGUROS E PREVIDÊNCIA S.A.							3.137			51	3.188
AMIL SEGURADORA S/A		3.318			0		1.487	45	0	11	3.318
AUREA SEGUROS S/A	0		3.636				3.725			386	7.747
BRASILSAUDE CIA DE SEGUROS		3.953				46	1.552			551	5.551
CAIXAGERAL S/A-SEGURADORA	(47)	313	41	93	(110)	(31)			584	305	1.148
CIA DE SEGUROS DA BAHIA	49.407	32.746	19.192	4.535	2.848	14.287	2.976	16.450	692	4.574	147.707
CIA DE SEGUROS GRALHA AZUL	7.257	2.501		7.623	5.514	508	5.545		1.419	2.529	32.896
CIA DE SEGUROS INTER- ATLANTICO	1.293	20.232		23	545	9.368	1.294		17	213	32.985
CIA DE SEGUROS PREVIDENCIA DO SUL	0	3			1		1.667		2	45	1.718
CIA EXCELSIOR DE SEGUROS	110				1						111
CIA GERAL DE SEGUROS	59.362	47.885		8.844	11.154	11.440	5.338	10.381	1.787	5.211	161.402
CIA REAL BRASILEIRA DE SEGUROS											
CIA SULINA DE PREVIDÊNCIA E SEGUROS	607	285	892	1	72	2.439	15		0	9	4.320
CONAPP CIA NACIONAL DE SEGUROS	(1)						262				261
COPLAVEN SEGUROS S.A.	24.927	4.055		1.711	148	503	4.716		140	207	36.407
EDEL SEGURADORA S.A.	1	25.865		116	31	4.062	3.662		117	174	34.028
FEDERAL DE SEGUROS S/A	87	4.674		363	(14)	7.787	18	0	46	17	12.978
GBOEX-CONFIANCA CIA DE SEGUROS	2.374	382		119	298	60	3.352		319	564	7.468
GENTE SEGURADORA S/A	(723)	2.141	27	384	129	(10)	118		(100)	(2)	1.964
GNPP-PROVIDA SEGURADORA S/A (3)	(24)	13		0		0	102			0	91
GNPP SEGURADORA S/A (3)	4	7.403	472.136	650	79	12			35	445	480.764
GOLDEN CROSS SEGURADORA S/A		682				4					686
HABITASUL SEGURADORA S/A	110.487	12.861		8.899	7.158	1.940	3.845	402	2.823	4.567	152.982
INDIANA CIA DE SEGUROS GERAIS		1.540				20					1.560
ITACOLOMI CIA SEGUROS	22.901	11.356	8	1.425	4.530	1.736	4.604	9.622	920	1.073	58.175
ITATIAIA SEGUROS S/A	173.634	34.339	151.491	6.134	33.016	5.469	1.987		3.412	5.001	414.483
MARÍTIMA CIA DE SEGUROS GERAIS	866	1.877	819	272	144	620	3.143		85	708	8.534
MARTINELLI MONAVAL-SEGURADORA S/A		1.523									1.523
MAXMED SEGURADORA S/A		5.543		5	85	3.027	57		167	15	8.899
MBM SEGURADORA S/A											
MOMBRAS SEGURADORA S/A (1)											
MONTEJUS PREV. E SEGUROS S.A.(1)											
NOTRE DAME SEGURADORA S/A	180.670	20.312	15.050	2.430	33.372	12.643	7.371		4.767	6.502	16.161
NOVO HAMBURGO CIA DE SEGUROS GERAIS		3		(1)	2	0	3.093		1	0	268.067
PANAMERICANA DE SEGUROS S/A	584.837	52.259	117.506	40.625	6.874	13.079	18.773	14.133	9.275	40.984	898.345
PORTO SEGURO CIA DE SEGUROS GERAIS											
PORTO VIDA SEGUROS DE PESSOAS S/A (2)											
PREVER S/A- SEGUROS E PREVIDENCIA (2)											
REUNIDAS SEGURADORA S/A		820		0	0	590	2.930		0	0	3.520
SABEMI SEGURADORA S/A		166				50					870
SAMCIL SEGURADORA S/A											166

SANTA CRUZ SEGUROS S/A	164.227	56.484	10.667	6.415	11.083	4.029	4.464	5.329	5.585	268.283
SÃO PAULO CIA NACIONAL DE SEGUROS					0		1.359			1.359
SAOEX S/A SEGURADORA	0	5.608		426	237	171	3.635	378	6.079	17.631
SAU SEGUROS E PREVIDENCIA S/A (2)										
SEGURADORA OCEANICA S/A	38.430	9.248		4.857	143	5.015	3.106	570	2.997	64.366
SEGURADORA ROMA S/A	934	14.907		3.937	155	3.263	3.202	2.087	251	69.669
SOL DE SEGUROS S/A				(1)	3		3.361	23	3	24.537
SOMA SEGURADORA S/A		9.935	330			211				10.476
SUL AMERICA BANDEIRANTE SEGUROS S/A	220.289	31.177	2.614	4.280	7.617	5.687	6.324	4.357	51.760	334.173
SUL AMERICA CIA NACIONAL DE SEGUROS	(4.843)	246.790	856.057	1.023	11.079	19.102	17.315	631	7.863	1.173.727
SUL AMERICA SEGUROS GERAIS S.A.	59.658	31.557	81.814	4.951	8.518	3.321	5.790	4.100	6.835	209.102
SUL AMERICA TERR MAR E ACID CIA DE SEGS	302.786	1.919	796	44.827	28.405	19.487	14.734	23.447	56.953	519.917
TOTAL SEGURADORA S/A (1)										
UNIMED SEGURADORA S/A	196	38.529	44.113			2.263				84.905
UNIVERSAL CIA DE SEGUROS GERAIS				27	935	3	2.191	865	248	4.465
Total dos Valores Apresentados	1.999.706	746.315	1.777.189	154.993	174.052	152.201	150.250	68.295	212.163	5.597.274
Mix de Carteira	35,73%	13,33%	31,75%	2,77%	3,11%	2,72%	2,68%	1,22%	3,79%	100,00%

TABELA 7

Cia/Grupo	BANCOS- PRÊMIO TOTAL valores em R\$ mil - 1996										
	AUTO	VIDA	SAÚDE	RD	INC	AP	DPVAT	HABIT	TRANSP	DEMAIS	TOTAL
BAMERINDUS CIA DE SEGUROS	277.945	132.973	134.656	18.534	71.265	61.407	46.596	13.076	14.723	38.017	809.192
BANCRED SEGURADORA S.A. (1)											
BANORTE SEGURADORA S/A	27.519	3.556	1.073	1.149	1.919	456	1.268	1.845	160	905	39.850
BCN SEGURADORA S/A		28.499		3.884	1.755	10.129	3.312	3.962	489	2.062	54.092
BOZANO SIMONSEN SEGURADORA S/A	101	16.114				1	4.422				20.638
BRADESCO PREVIDENCIA E SEGUROS S/A							9.516				9.516
BRADESCO SEGUROS S/A	369.246	295.833	819.614	28.127	34.811	1.144	55.905	127.494	35.292	35.500	1.802.966
CENTAURO SEGURADORA S.A.		690	1.979			117					2.786
CIA DE SEGS MAR TER PHENIX DE P. ALEGRE	20.035	19.156		109	6.874	4.349	4.399	16.020	1.362	13.755	86.059
CIA DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA	5.497	29.572	486	5.699	9.358	9.075	15.058	15.764	4.491	9.555	104.555
CIA DE SEGUROS MINAS-BRASIL	100.987	167.898	3.189	21.134	5.843	5.604	5.587	32.154	6.976	5.504	354.876
FINASA SEGURADORA S/A	48.135	21.498		2.119	7.654	1.932	6.787	2.396	2.552	1.784	94.857
GERAL DO COMERCIO SEGURADORA S/A	4.370	7.656		852	934	104	1.398		1	235	15.550
ITAU SEGUROS S/A	50.213	142.047	58.769	521.292	40.029	38.506	45.038	44.780	22.604	66.613	1.029.891
ITAUPREV SEGUROS S/A		110		461	1.756	38	1.834	141	1.249	74	5.663
J. MALUCELLI SEGURADORA S/A	0	839		105	14	493	3.121		0	4.237	8.809
MULTIPLIC SEGURADORA S/A	5.006	3.533	1.319	197	1.113	268	3.549		636	291	15.912
NOBRE SEGURADORA DO BRASIL S/A		9.838				1.674					11.512
NOROESTE SEGURADORA S/A	56.474	27.225	5.698	2.656	8.290	357	4.339	1.396	1.227	2.232	109.894
REAL PREVIDENCIA E SEGUROS	65.357	5.453		5.346	9.797	3.968	4.502		234	2.014	96.671
REAL SEGURADORA S/A	60.856	28.564		6.397	9.733	5.543	7.857		610	2.519	122.079
RURAL SEGURADORA S/A	0	12.635	8.827	5.450	208	295	5.034		990	15.769	49.208
SAFRA SEGUROS	2	1.683		10.610	79	219	2.033		273	52	14.951
SANTOS SEGURADORA S/A	13.352	296	763	369	745	740	2.067	14.519	191	284	33.326
SDB CIA DE SEGUROS GERAIS	2.955	3.758		132	791	36	1.642		987	3.955	14.256
SEGURADORA AMERICA DO SUL S/A	1.895	25.601		102	684	524	1.637	39	77	92	30.651
SEGURADORA BMC S/A	(2)	1.349		309	1.299	378	1.510		787	1.720	7.350
SEGURADORA BRASILEIRA DE FIANÇAS S/A					0					14.690	14.690
SEGURANÇA CIA DE SEGUROS E PREVIDENCIA (1)											
SUL AMERICA UNIBANCO SEGURADORA S/A											
TREVO S.A. SEGUROS E PREVIDÊNCIA (1)											
TREVO SEGURADORA S/A	37.843	14.144		2.706	6.462	4.370	4.228	992	367	3.826	74.938
UNIBANCO SEGUROS S.A.	209.516	230.362	15.518	41.175	17.150	29.506	14.596	6.243	9.221	39.358	612.645
VANGUARDA COMPANHIA DE SEGUROS GERAIS (1)											
Total dos Valores Apresentados	1.366.841	1.235.863	1.100.217	679.665	242.109	182.238	263.179	280.852	107.404	267.680	5.726.048
Mix de Carteira	23,87%	21,58%	19,21%	11,87%	4,23%	3,18%	4,60%	4,90%	1,88%	4,67%	100,00%

TABELA 8

ESTATAIS- PRÊMIO TOTAL
valores em R\$ mil - 1996

Cia/Grupo	AUTO	VIDA	SAÚDE	RD	INC	AP	DPVAT	HABIT	TRANSP	DEMAIS	TOTAL
BANERJ SEGUROS S/A	71.557	25.761		1.579	3.267	16.317	4.593		364	1.594	125.032
BANESTES SEGUROS S/A	17.014	11.086		1.166	896	4.017	474	422	312	448	35.835
BEMGE SEGURADORA S/A	26.903	22.834		3.322	431	2.764	6.681	7.923	384	4.485	75.727
BRASILSEG SEGURADORA DO BRASIL	1.239	46.349		9.320	1.442	3.700	3.409	165	4.578	4.942	75.144
CIA DE SEGUROS DO EST DE SÃO PAULO	59.451	119.891	292	4.847	12.495	12.628	8.170	13.249	1.710	13.510	246.243
CIA UNIAO DE SEGUROS GERAIS	65.214	56.542		7.772	7.391	19.937	4.898	6.304	2.246	4.420	174.724
MERIDIONAL CIA DE SEGUROS GERAIS	3.038	35.043		773	8.523	2.196	1.651	864	76	118	52.282
SASSE CIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS	2.810	68.329		5.625	309	18.093	2.590	267.399	43	25.529	390.727
Total dos Valores Apresentados	247.226	365.835	292	34.404	34.754	79.852	32.466	296.326	9.713	55.046	1.175.714
Mix de Carteira	21,03%	32,82%	0,02%	2,93%	2,96%	6,77%	2,76%	25,20%	0,83%	4,68%	100,00%
TOTAL DE TODAS AS EMPRESAS	4.592.937	2.830.199	3.018.651	1.067.732	671.715	459.932	549.134	819.747	350.023	750.685	15.110.755
MIX DE CARTEIRA	30,39%	18,73%	19,98%	7,07%	4,45%	3,04%	3,63%	5,42%	2,32%	4,97%	100,00%

LEGENDA DOS RAMOS APRESENTADOS

AUTO	-AUTOMÓVEL
VIDA	-VIDA INDIVIDUAL E VIDA EM GRUPO
SAÚDE	-SAÚDE
RD	-RISCOS DIVERSOS
INC	-INCÊNDIO
AP	-ACIDENTES PESSOAIS
DPVAT	-DANOS PESSOAIS CAUSADOS POR VEÍCULOS AUTOMOTORES DE VIA TERRESTRE
HABIT	-HABITÇÃO
TRANSP	-TRANSPORTES
DEMAIS	-TODOS OS OUTROS RAMOS NÃO ESPECIFICADOS (NÃO INCLUI PREVIDÊNCIA PRIVADA)

(1)- As informações não estão sendo apresentadas por se tratar de empresa com Prêmio Ganho inferior a R\$ 30 mil, valor mínimo para efeito de apresentação.

(2)- Empresa com emissão no período apenas em previdência.

(3)- Empresa sob regime de Direção Fiscal da Susep.

Prêmio Total= Prêmio de Seguro + Cosseguro Aceito- Cosseguro Cedido- Restituições- Descontos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Zurich, Swiss Reinsurance Company. Sigma. "World Insurance in 1994". N° 4/1996.
- Zurich, Swiss Reinsurance Company. Sigma. "World Insurance in 1993". N° 5/1995.
- Zurich, Swiss Reinsurance Company. Sigma. "World Insurance in 1992". N° 3/1994.
- Brasil, Ministério da Fazenda. Susep. Superintendência de Seguros Privados. "Mercado Segurador Brasileiro". Boletim Estatístico n° 2. Janeiro a Dezembro de 1995
- Brasil, Ministério da Fazenda. Susep. Superintendência de Seguros Privados. "Mercado Segurador Brasileiro". Boletim Estatístico n° 12. Janeiro a Dezembro de 1996.
- Brasil, Ministério da Fazenda. Susep. Superintendência de Seguros Privados. "Mercado Segurador Brasileiro". Dados Concolidados n° 12/96. Janeiro a Dezembro de 1996.
- Pereira, Lia V. "Rodada do Uruguai: uma síntese do estado das negociações". RBCE n° 24, (jul/ago- ano IV).
- Pereira, Lia V. "Antecedentes da Atual Rodada Uruguai". RBCE n° 28, (abril/maio/junho- ano IV).
- Hoekman, Bernard. "Assesseing the General Agreement on Trade in Services". In Martin, W. & L. A. Winters. "The Uruguai Round and the Developing Economies". World Bank Discussion Paper # 30, (october 1995).

- Ricupero, Rubens. “ A Inserção Internacional Desejada e a Possível para o Brasil”. RBCE nº 28, (abril/maio/junho- ano VI).
- Coriolano, Márcio. “Padrões Gerais do Mercado Segurador Brasileiro”. (outubro de 1996).
- Carter, Robert L. “Insurance”.
- Gazeta Mercantil. “Seguros”. Panorama Setorial (outubro de 1996).
- Fundação Escola Nacional de Seguros. FUNENSEG. “Cadernos de Seguro”, Ano XVII. nº 83, (Jan/Fev de 1997).
- Fundação Escola Nacional de Seguros. FUNENSEG. “Cadernos de Seguro”, Ano XVI. nº 82, (Nov/Dez de 1996).
- Instituto de Resseguros do Brasil. IRB. “Clipping”, (14 de março de 1997).
- Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e de Capitalização. Fenaseg. “Seguros, Capitalização, Previdência Privada no Brasil”, (maio de 1996).
- “Seguros & Riscos”. Ano XI, nº 107, (fev. de 1997).
- Orypaba Administração e Serviços